

REVISTA **Bzzz**

ANO 2 | Nº 13 | JULHO DE 2014 | R\$ 10,00



GLAMOUR

Grande anfitriã de Brasília, Moema Leão afirma que as festas hoje em dia são exageradas

SEM HABITE-SE

PRÉDIOS PÚBLICOS EM NATAL, COMO A SEDE DA PREFEITURA E O HOSPITAL WALFREDO GURGEL, FUNCIONAM IRREGULARMENTE

RESGATE

A BELA MANSÃO QUE CRIOU O BAIRRO DE CANDELÁRIA

DESCASO

SEM MANUTENÇÃO DEVIDA, O MUSEU DE ARTE SACRA DA IGREJA DO GALO ESTÁ AMEAÇADO

PODER

INFLUÊNCIA E FORTUNA FIZERAM DE THEODORICO BEZERRA O IMPERADOR DO SERTÃO



HANDEBOL

ELEITA A MELHOR ATLETA DO MUNDO, DUDA AMORIM FALA DE VAIDADES E DA FALTA DE APOIO NO BRASIL

GARIBALDI FILHO

O QUE FAZ DO MINISTRO DA PREVIDÊNCIA O QUERIDINHO DO GOVERNO E DA IMPRENSA

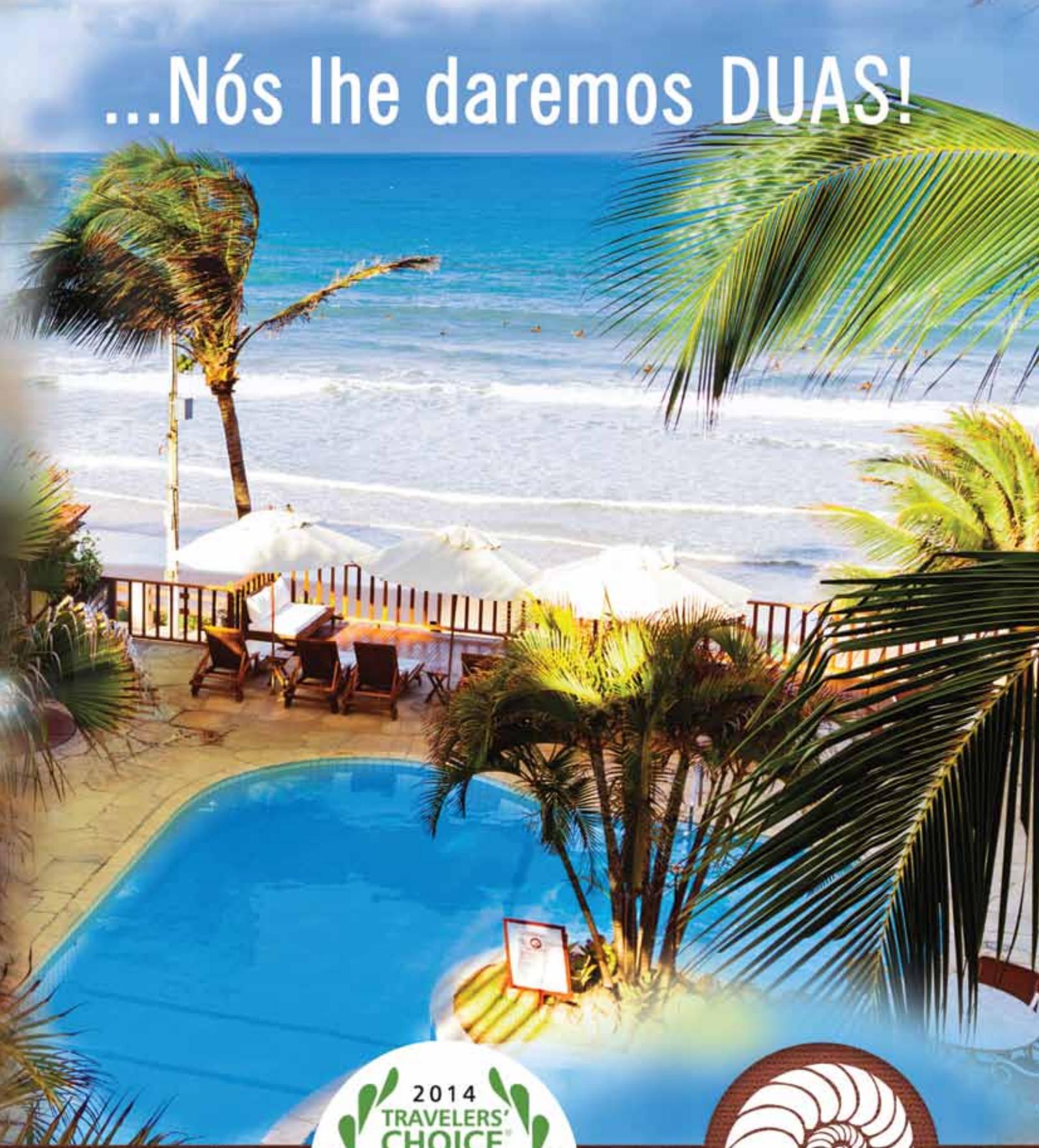
Se você precisa de uma boa desculpa para vir a Natal....



**veja
Natal**
Comer & Beber
— 2013/2014 —
Melhor Restaurante
da Cidade

**veja
Natal**
Comer & Beber
— 2013/2014 —
Melhor Cozinha de
Peixes e Frutos
do Mar

...Nós lhe daremos DUAS!



manary.com.br

(84) 3204-2900

Natal - RN



Manary Praia Hotel

Casa de FERREIRO...

O DITADO POPULAR “CASA DE FERREIRO, espeto de pau” se encaixa quando o assunto é habite-se, documento que comprova exigências para a construção e liberação de imóvel, estabelecidas pela prefeitura e Corpo de Bombeiros. Em Natal, o Palácio Felipe Camarão, sede do Executivo municipal, prédios como o maior hospital do Estado, Walfredo Gurgel, e a OAB, e para citar alguns exemplos, não têm habite-se. Ou seja, funcionam irregularmente. Mas, as normas fazem valer quando se trata de empreendimentos. Construtoras reclamam da demora para a prefeitura expedir o documento, prejudicando investimentos.

Na matéria assinada pela jornalista Marina Gadelha, o retrato desse problema, tanto para expedição pela prefeitura, quanto pelo Corpo de Bombeiros. Nesses tempos de obras para a Copa do Mundo no Brasil, mortes de operários se somaram nas construções de estádios. Acendeu-se o sinal vermelho para um ponto altamente delicado: segurança. Juliana Manzano fez um levantamento dos perigos nas obras, as precauções que devem ser tomadas, e demais providências. Os postos de combustíveis são alvos constantes de críticas e afirmações de formação de cartéis. Os empresários se defendem e dizem que o problema não é o posto, mas sim os altos impostos. A matéria de Heitor Gregório mostra os dados.

O Museu de Arte Sacra, que reúne peças datadas do século XVII ao século XX, sofre a falta de manutenção e ameaça ruir. Louise Aguiar mostra o problema e conta a história da Igreja do Galo – considerada pelo saudoso historiador Câmara Cascudo a mais bela de Natal – e o seu convento que abriga frades. Thiago Cavalcanti traz a história da grande mansão que criou o bairro de Candelária, que tinha até curral, de onde saía o leite para a alimentação da família Chacon Fonseca. Das festas do túnel do tempo, resgate das glamorosas noites “Forever Young” do colunista Jota Oliveira.

Da viagem ao Marrocos, Octávio Santiago relata o que mais o impressionou e sugere um excelente circuito. Também traz entrevista com a brasileira que ganhou o prêmio de melhor atleta de handebol do mundo. Da viagem a Paris, Larissa Soares revela que os homens da cidade luz são elegantes até no subsolo. Em Brasília, Camila Pimentel conversou com a decoradora Moema Leão, considerada umas das maiores anfitriãs da Corte, com retratos das suas grandiosas festas. Também assina a entrevista com o ministro Garibaldi Filho, o queridinho do Governo Dilmals.

Janaína Amaral pesquisou sobre a vida e as curiosidades do Imperador do Sertão, Theodorico Bezerra, que foi motivo de um Globo Repórter inteiro, documentários, etc e mais. Geraldo Miranda conta a história do ABC e porque o time é considerado o mais querido. O artigo de Rubens Lemos é cirúrgico sobre Marinho Chagas. Solte-se também na leitura dos bastidores políticos, da cultura e do turismo.

Eliana Lima

EXPEDIENTE**PUBLICAÇÃO:****JEL COMUNICAÇÃO****SITE DA REVISTA****ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**

portaldabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@revistabzzz.com

EDITORA ASSISTENTE

NELLY CARLOS MAIA

nelly-carlos@hotmail.com

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO

ALICE LIMA, CAMILA PIMENTEL (BRASÍLIA),
CARLOS DE SOUZA, GERALDO MIRANDA,
HEITOR GREGÓRIO, JANAÍNA AMARAL, JULIANA
MANZANO, LARISSA SOARES, LOUISE AGUIAR,
MARINA GADELHA, OCTÁVIO SANTIAGO, THIAGO
CAVALCANTI, WELLINGTON FERNANDES

FOTOS

CANINDÉ SOARES, FRANCISCO JOSÉ DE
OLIVEIRA, IVANÍZIO RAMOS, JOÃO NETO,
NICOLAS GOMES, SARAH WOLLERMANN

CAPA - FOTO DE GARIBALDI ALVES FILHO

CRÉDITOS: AGÊNCIA BRASIL

GRÁFICA

UNIGRÁFICA

TIRAGEM

6.000 EXEMPLARES



O MELHOR DE TUDO é investir em qualidade de vida.

QUARTIER
LAGOA NOVA



PREVISÃO DE CONCLUSÃO
DE OBRA: ABRIL 2015

PERSPECTIVA ILUSTRADA DA PISCINA

QUARTIER LAGOA NOVA

No centro das atenções, com o lazer mais completo de Lagoa Nova.

3 E 4 QUARTOS, 81 m² e 119 m², OPÇÕES DE 2 OU 3 SUÍTES

**IN MARE
BALI**
RESIDENCIAL RESORT



PREVISÃO DE CONCLUSÃO
DE OBRA: SETEMBRO 2014

PERSPECTIVA ILUSTRADA DA VISTA DA VARANDA

IN MARE BALI RESIDENCIAL RESORT

O primeiro Residencial Resort do RN, com serviços exclusivos à beira-mar da praia de Cotovelo.

APTOS TIPO: 56 m² a 154 m². DUPLEX E MAISON: 115 m² a 305 m²



CYRELA PLANO&PLANO

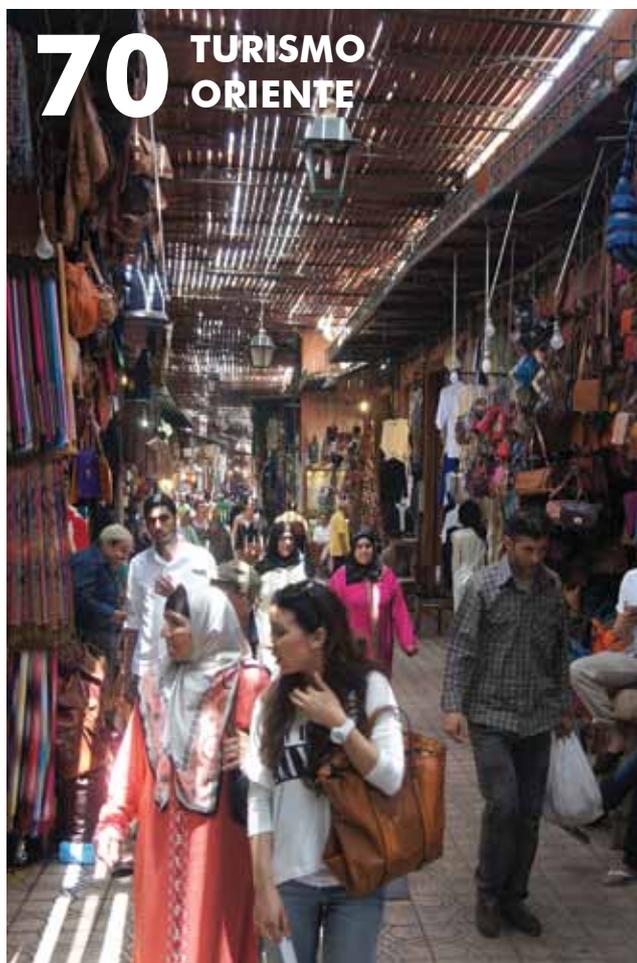
SONHOS CONCRETOS

Seu imóvel está aqui

2010 9990

CENTRAL DE OPORTUNIDADES

Incorporação: Cyrela Suécia Empreendimentos Imobiliários Ltda. Vendas: Abreu Brasil Brokers - Creci: 2.639-J - 17ª Região. Quartier Lagoa Nova: Registro de Incorporação R 8-57 256, em 30/09/2011, no 6º Ofício de Notas e Registro de Imóveis de Natal/RN. Imagens meramente ilustrativas com sugestão de decoração, não fazendo parte do Memorial Descritivo. In Mare Bali Residencial Resort: Registro de Incorporação R 20-4.296, em 07/01/2011, no 1º Ofício de Notas e Registro de Imóveis de Pamamirim/RN. Imagens meramente ilustrativas com sugestão de decoração, não fazendo parte do Memorial Descritivo. Engenheiro responsável pelas obras inscrito no CREA sob o registro nº 2603945203. Impresso em JULHO/2014.



70 TURISMO ORIENTE

MASSACRE

30 VINGANÇA

A maior carnificina que abalou o RN em nome de Rambo

ECONOMIA

62 COMBUSTÍVEIS

motoristas reclamam de altos preços, donos de postos justificam altos tributos

CONSTRUÇÃO

64 OBRAS

As obras da Copa despertaram para maior segurança na construção civil



Foto: Canindé Soares

58 CENTENÁRIO DO MAIS QUERIDO



78 MODA PARIS

ARQUITETURA

84 MUROS VERDES

No mundo dos espigões, o verde ganha espaço verticalizado

ARTIGO

94 BOM DE BOLA

O jornalista Rubens Lemos traça o perfil do "gênio anarquista" chamado Marinho Chagas

Surpreenda os seus convidados.
Realize o seu evento na mais bela Arena do Brasil.



Campo



Lounge Hospitalidade



Mídia Center



Camarote VIP

• Ambientes climatizados • Estacionamento privativo • Segurança 24h

A Arena das Dunas abre as portas para receber você e seus convidados em uma estrutura única, moderna, elegante e exclusiva. Seja para eventos corporativos, promocionais, sociais, feiras, casamentos ou aniversários, aqui você vai encontrar diversos tipos de ambientes climatizados em espaços que variam de 346 m² até 1.500 m², com estacionamento privativo para mais de 2 mil veículos, além de uma praça de eventos com 22 mil m² para shows, feirões e exposições. Faça do seu evento uma festa inesquecível. Venha para a Arena das Dunas.

Solicite seu orçamento: eventos@arenadunas.com.br



ARENA DAS DUNAS

Isso tudo é para você.

www.arenadunas.com.br

[f arenadasdunas](#) [@ arenadunas](#) [# arenadasdunas](#)



ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília

SERÁ?

Que o ex-presidente Lula da Silva continua com a força dos tempos de holofotes poderosos para eleger o que companheiros chamam de poste?

SENSAÇÃO

Muitos dos asseclas acreditam que não e já comentam à boca pequena que “Alexandre Padilha – ex-ministro da Saúde – é o terceiro poste que Lula pretende eleger. Primeiro foi Dilma, depois foi Fernando Haddad (atual prefeito de São Paulo)”, diz um acólito com influência na seara petista.



Foto: Cleyton de Souza / Estadão

E CONTINUA

“E agora o Padilha é o maior desafio do Lula. Se conseguir elegê-lo, Lula vai eleger quem quiser, para qualquer cargo. Caso contrário, muita coisa vitoriosa da sua carreira política vai mudar”. É tudo ou nada.

BOM

O certo é que o Plano B de Lula é o empresário Paulo Skaf, presidente licenciado da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Na ponta do lápis, Lula calcula que o PT em São Paulo tem um patamar superior a 35% dos votos, Skaf (PMDB) tem cerca de 20% e tira votos do PSDB, assim, levaria a um segundo turno.

OU SEJA

Lula está com as pernas divididas em duas canoas, uma do preferido Alexandre Padilha e a outra da carta extra Paulo Skaf, que já está com a candidatura registrada, inclusive com gastos estimados em R\$ 95 milhões, um pouco mais que o previsto por Padilha, 92 milhões. Somando também os bons 5 minutos e 37 segundos do tempo na tevê que o peemedebista dispõe.

PENSANDO BEM

O deputado estadual Fábio Dantas (PCdoB) será o vice na chapa que tem Robinson Faria como candidato ao governo do RN, mas, o seu pai, Arlindo Dantas, prefeito de São José de Mipibu, é filiado ao PMDB e o grupo que faz oposição ao de Fábio Dantas, como a ex-prefeita Norma Ferreira, é ligado a Robinson Faria.



FICAM AS DÚVIDAS

Estaria Fábio Dantas se unindo ao grupo de oposição à gestão do seu pai? Será que o neocomunista tem ainda alguma mágoa por ter sido preterido pelos colegas deputados para ser conselheiro do Tribunal de Contas do Estado? O certo são os comentários nos escaninhos legislativos de que FD não desistiu de ser o indicado para o TCE...

BICO

Antes do período eleitoral, corria pelos corredores do Senado que Aécio Neves (PSDB) não era lá muito simpático com a imprensa. Maaasss... agora tudo mudou e cada mergulho é um flash, com direito a fotos no Instagram de momentos pessoais, como o nascimento dos seus filhos gêmeos, Júlia e Bernardo. Aécio compartilhou com todo o Brasil uma foto ao lado da sua mulher, Letícia, antes do parto. As bocas impiedosas dizem que é o mosquito da simpatia eleitoral, que se vai com o passar das urnas.

VEZ E VOZ

E o governadorável Aécio Neves analisa com sua equipe oportunidades para discursar em lugares onde não conta com palanque de governador, como no Rio Grande do Norte. Nas terras de potis-eleitores ele pretende pisar duas vezes para falar de suas propostas de governo, nos dois maiores polos: a capital Natal e a capital-oestana, Mossoró.

Foto: George Gianni/ PSDB



O TEMPO PASSA

Com pompas e circunstâncias, o Congresso Nacional aprovou a propalada PEC das Domésticas. Pois bem, passada a euforia, mais de um ano depois, a lei não foi regulamentada. Resultado: os processos que chegam à Justiça do Trabalho são baseados na nova lei, mas os julgamentos são fundamentados nas regras antigas. Ou seja, tudo continua com dantes.



POVO BOM

Em Brasília, circula o adesivo “Volta Arruda, que eu voto”. Para quem não sem lembra, Roberto Arruda é o ex-governador do DF que foi filmado pagando propina no caso que ficou conhecido como Caixa de Pandora.

DETALHE

Arruda está disparado nas pesquisas de opinião pública. Condenado por improbidade administrativa em primeira instância, ele foi pego de surpresa pelo presidente do Supremo, ministro Joaquim Barbosa, que permitiu aos TJDF julgar a ação civil. Condenado novamente.

A propósito...No Brasil, o problema está na classe política ou nos eleitores?

MUDANÇA DE CENÁRIO

Presidente nacional do DEM, o senador José Agripino estava acostumado a receber em seu gabinete a cúpula do tucanato. Agora, como coordenador da campanha de Aécio Neves para a presidência da República, ele tem deixado quase que diariamente o seu gabinete em direção ao do PSDB. As reuniões rumo às urnas são constantes e no ninho dos tucanos.



Foto: Mariana Di Pietro

PORTA-RETRATOS

Na primeira fase da Copa do Mundo, José Agripino foi avô quase por tempo integral. De Nova York, desembarcaram o filho Alexandre Maia, a nora Tamara, os netos Lucas, Kátia e George MacPheerson. A casa do senador no Lago Sul ficou repleta de hóspedes, somando os familiares de Tamara e amigos do casal. José Agripino é um avô tão apaixonado pelos netos que não se incomoda de rolar pelo chão para brincar com eles. Vocês imaginam a cena? Pois acontece. Em visita ao gabinete no Senado, as três gerações observam o painel de fotos históricas da vida política do senador e do seu pai Tarcísio Maia: José, Alexandre, Lucas e George. Será que algum neto vai seguir carreira política? Alexandre não quis. Optou pelo mercado financeiro internacional.



FAMOSA MANSÃO

O bairro de Candelária, hoje uma das áreas mais nobres de Natal, surgiu com a construção de uma linda mansão, que tinha até curral, em meio à Mata Atlântica. Lugar de muito glamour, fatos curiosos e hilários

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Arquivo de família



MESMO COM TANTOS AVANÇOS, muitos ainda consideram que Natal não saiu da porteira provinciana. Mas, sabe-se, Natal sempre foi vanguarda. Nesta edição, vamos abordar a capital potiguar no túnel do tempo que nos por leva por volta de meio século atrás, quando a cidade era, realmente, uma província, com apenas dois acessos, um pelo bairro de Lagoa Seca e outro pelo antigo bairro das Quintas. Tempo em que a população não passava de 70 mil habitantes.

Cada uma das duas entradas tinha um posto fiscal, conhecidos pelas famosas “correntes”. Por Lagoa Seca, a cidade terminava no posto fiscal entre onde hoje está fincado o grandioso prédio da Igreja Universal, na Avenida Salgado Filho, e o Viaduto do Quarto Centenário. Todo mundo se conhecia e depois dessa barreira tudo era “longe”. Até que surgiu o bairro de Candelária, a partir de uma imponente residência que fez história e viu a cidade prosperar de suas amplas salas, de onde se avistava o verde da Mata Atlântica.

A residência da Família Chacon foi um divisor de águas para o crescimento da cidade. Nos anos 60, o empresário Ruben Chacon da Costa e sua esposa Maria Pinheiro decidiram mudar de endereço. Moradores do nobre bairro do Tirol, na Rua Abdon Nunes, que reunia a fina-flor da sociedade da capital, o casal adquiriu uma imensa propriedade de dez hectares no então bairro de Lagoa Nova, hoje Candelária. Ao comunicar à família – a filha única, De Deus, ao genro Ezequiel Fonseca e os três netos, Danielle, Ruben e George – todos entraram em pânico e reclamaram: “Vamos morar naquele fim de mundo”.

O patriarca contratou o projetista José Figueiredo Milfont para executar sua futura morada. E assim foi feito. A residência, uma verdadeira mansão, ao estilo das mais cobiçadas do Rio de Janeiro, ficava no alto do terreno, cercada de muitas árvores, pomar e, nos fundos, um curral, de onde saía o leite direto para a cozinha. A concepção da casa levou em torno de três anos. Foi o maior imóvel com área construída - 800 m² - e o maior terreno, na época, dentro de Natal. Começava onde hoje é a loja Agaé, até o final da galeria Chacon Center (apenas a parte da frente). Tudo pronto, a mudança aconteceu em 1971.



Vista aérea da propriedade

Interessantes detalhes

No início, a propriedade não tinha muro, nem cerca, o que foi feito depois que 20 m² de frente do terreno foram desapropriados para duplicação da Avenida Senador Salgado Filho. A família passou dois anos sem linha telefônica. Só não ficaram “ilhados” porque seu Ruben Chacon, que já era rádio amador e tinha contato com o mundo todo, fez um estúdio de rádio amador na casa. Fora isso, qualquer notícia tinha que ser dada in loco. A decisão do patriarca, então, deu início ao bairro de Candelária. Anos mais tarde, ele e o genro Ezequiel Fonseca lotearam alguns terrenos que faziam parte da propriedade, como a Maçonaria e casas adjacentes.

Os primeiros moradores do bairro viram de seus salões a conclusão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A casa de Nº 2850 virou atração turística na cidade, muitos subiam o terreno para conhecer de perto ou até mesmo para namorar, já que o lugar era bastante grande e mais parecia um bosque. A

família nunca sofreu qualquer assalto, apenas a visita não grata de José Vilarim Neto, conhecido como o monstro de Capim Macio, que assassinou de uma mesma casa quatro mulheres, a avó, a empregada, de 14 anos, grávida, e duas filhas da dona do sítio, onde ele trabalhava.

Vilarim se passou por parente de um empregado da casa, mas não obteve sucesso. Abordou De Deus Fonseca, a filha de Ruben, chamando-a do outro lado da porta. Ela não cedeu à sua conversa e não abriu a porta. Ele foi embora e, uma semana depois, o homem de estatura baixa, um tanto quanto calado, prestativo e competente nos serviços pesados, praticou a chacina na bela Granja Capim Macio, que pertencia à alemã Ruth Looman, que escapou, ao lado da filha mais nova, porque não estava em casa e quando chegou foi recebida a tiros, mas conseguiu lutar e vencer o bandido. Essa história foi detalhadamente contada na matéria de Alice Lima, na edição de fevereiro da Revista Bzzz.



O casal visionário Ruben Chacon e Maria Pinheiro

Glamour

As festas são um capítulo à parte na história da mansão. Algumas festas dos blocos de carnavais da cidade aconteceram nos domínios dos Chacon. Os assaltos eram uma forma como foliões dos blocos de elite chamavam as festas previamente acertadas por amigos, para se reunirem durante os desfiles nas ruas, antes da noite chegar, quando a folia continuava no Clube América. A história sobre essas festas e os blocos de elite foi muito bem contada na matéria de Heitor Gregório, na edição de abril da Revista Bzzz.

Voltando às atividades glamorosas na mansão dos Chacon, nos domingos era sagrada a reunião de todos os familiares, inclusive tios, primos e sobrinhos. Artistas de renomes como Raul Cortez, Altamiro Carrilho e Juca Chaves passaram pelos salões da família. Mas a grande festa que marcou o imóvel foi o casamento de Danielle Fonseca e o advogado Eduardo Serrano da Rocha. Não havia outra residência na cidade que tivesse estacionamento interno para todos os convidados, mas na mansão o espaço era suficiente para receber todos os carros dos convidados.

Com a partida de Ruben Chacon em 1985, anos depois os herdeiros decidiram retornar ao Plano Palumbo, dessa vez no bairro de Petrópolis. Decisão difícil, pois foram 18 anos de muitas alegrias vivenciadas na propriedade que foi pioneira em Candelária. O nome Plano Palumbo é uma denominação que nossa editora Eliana Lima criou para os bairros de Tirol e Petrópolis, por terem recebidos os traçados modernos do arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo, no seu “Plano Geral de Systematização da Cidade de Natal”, entre 1929 e 1930, na gestão do então prefeito Omar O’Grady.

O lado cômico

Numa certa noite, a família foi surpreendida por inusitada visita. Um grupo de executivos chega à mansão e solicita conhecer as novas instalações e as “moças”. Sem entender, os proprietários perguntaram do que se tratava, e os engravatados dispararam: “Aqui não é o novo cabaré de Maria Boa? Ficamos sabendo que ela comprou essa casa para o seu novo estabelecimento”. Depois que a família deu

um sonoro NÃO, pediram mil desculpas e foram embora.

A filha Danielle Fonseca lembra que na adolescência dormia na casa de amigas quando ia para alguma festa, pois sua casa era “longe”. A mãe Maria De Deus até hoje se recorda da consulta médica de um filho. No final, o médico perguntou: “A senhora ainda volta para Natal hoje?”.



Maria de Deus com os filhos, Danielle e Ruben Fonseca

Momentos felizes

Apesar da distância, e do desespero que bateu quando o avô informou da mudança para “o fim de mundo”, Danielle Fonseca só tem boas lembranças da mansão que lembrava cenários das novelas da TV Globo, que eram filmadas em mansões da então cidade mais festiva e de ricos glamorosos do Brasil, o Rio de Janeiro.

Na volta ao passado, ela declarou, numa mistura ao presente: “Lamento muito meus netos e sobrinhos não terem aproveitado a nossa casa. Eu e meus irmãos tivemos uma infância e uma adolescência maravilhosas. A casa era repleta de árvores, bichos, chegamos a criar bicho-preguiça, araras e outros animais. Não sentíamos falta de nada, vivíamos soltos!”.



A bela mansão que impulsionou o nascimento do bairro de Candelária

O que era longe ficou perto

Natal cresceu e hoje tem cerca 853 mil habitantes, segundo os últimos dados do IBGE. Hoje, o que era longe ficou perto. Muito perto. Virou uma das áreas mais valorizadas da capital. A enorme propriedade do Clá Chacon deu origem a vários edifícios residenciais e centro comercial.

E assim o progresso vai aumentando. Com ele, a violência, e as grandes propriedades dando lugar às moradias colmeias. Ou seja, os espigões.



Os herdeiros preservaram relíquias do tempo da mansão. As pinhas portuguesas que adornavam o telhado e a estátua de madeira encontrada por Ezequiel Fonseca, em 1968, no delta do Rio Açú, que Câmara Cascudo segundo, após estudos, pertenceu a um navio Viking



O progresso transformou a residência em espigões



INCOMPARÁVEL ANFITRIÃ

Anfitriã das noites mais marcantes e glamorosas da sociedade brasiliense, Moema Leão foi pioneira das festas exuberantes, numa época em que não existiam na capital federal serviços de bufê, manobristas, decoração, convites e cerimonial

Por Camila Pimentel, de Brasília

Fotos: Paulo Lima e arquivo pessoal



Moema Leão conta sobre suas festas que causavam frisson em Brasília

NOS TEMPOS EM QUE muito se usava a palavra locomotiva para definir as mulheres líderes da alta sociedade no Brasil, a maior referência em Brasília respondia por Moema Leão, sinônimo de glamour e dona das mais badaladas e restritas festas do Planalto. Festas que, de tão surpreendentes, mexiam com o imaginário dos convidados e desejosos de participar, antes, durante e depois do que podiam chamar de grandes acontecimentos.

Seu nome continua na eferescência das celebrações memoráveis. Continua a dona da festa, mesmo não realizando mais mega celebrações. Continua conhecida como uma das melhores anfitriãs da capital federal. Nas décadas de 1970 e 1980, Moema promovia as melhores festas, segundo os recém-chegados moradores de Brasília. Chegou para morar na cidade do poder em 1971.

“Na época, eu fiquei muito encantada com o horizonte, fiquei deslumbrada com Brasília, porque eu vim do interior de Goiás, da cidade de Rio Verde, filha de fazendeiro, onde tudo era proibido. Quando cheguei aqui já tinha quatro filhos, era casada há seis anos. Fiquei deslumbrada com esse

lugar, parece que estava livre do interior, ao invés de ficar triste e com medo. Vim acompanhar o meu marido à época, foi quando a Encol veio para cá”, lembra Moema. O então marido é o empresário Flávio de Souza, um dos donos da construtora Encol, empresa que decretou falência em 1999.

Já devidamente instalada, Moema Leão logo se entrosou com senhoras da sociedade brasileira. “Chegando a Brasília, entrei em um grupo de senhoras que faziam um trabalho social. Era uma associação. Nós ajudávamos pessoas da Ceilândia (cidade satélite), ajudamos a construir uma creche, um abrigo para excepcionais”.

“Sempre fui muito festeira e adorava fazer festa e no grupo ficava encarregada de realizar as festas para arrecadar dinheiro para as nossas obras. Foi um período muito interessante. Na época, quando me mudei para a Mansão Flamboyant, em 1982, Dona Dulce Figueiredo – então primeira-dama do país - foi patronesse de honra. Foi uma festa black tie, para a inauguração da casa”, conta a socialite, que hoje é sócia da franquista Casa Cor em Brasília.

“Sempre fui muito festeira”

“ Eu gosto muito receber. O diferencial é o prazer que tenho em receber”



Moema Leão com os pais do empresário Paulo Octávio, Cléo Octávio Pereira e Wilma Pereira



Moema Leão, Pelé, Raquel Pacini e Ana Maria Gontijo, durante o aniversário de Moema em 1985

Festas memoráveis

A lendária Mansão Flamboyant, no Park Way, onde Moema morou com o primeiro marido e os quatro filhos, tem 1.900 m², cinco suítes, adega, boate, chalé de hóspedes e piscina. Um lindo lugar marcado por bailes que a sociedade brasiliense chamava de “hollywoodianos”. Entre os convidados circularam personalidades como Pelé, o presidente do Brasil que fundou o Planalto Central, Juscelino Kubitschek, o cantor Cauby Peixoto, políticos e muitos detentores de fortunas. Atualmente a casa pode ser alugada para casamentos e festas de 15 anos.

Nas memórias das ocasiões borbulhantes, Moema Leão relembra “várias festas indianas, à fantasia”. Conta: “dava muito resultado porque Brasília era menor. Eu fazia aniversário dia 17 de março e o presidente do da República tomava posse no dia 15 do mesmo mês e o meu aniversário coincidia quando o governo mudava. Então, todo mundo vinha de fora e eu fazia umas festas enormes. No outro dia da posse, todo mundo ia para minha casa”.

De todas as festas que pilotou, uma chama atenção até hoje por fazer parte de um fato histórico do cenário econômico do país. No ano de 1990, um dia antes do então presidente Fernando Collor confiscar o dinheiro da poupança dos brasileiros, o comentário era a festa que aconteceria na mansão de Moema com presença confirmada de Collor e da primeira-dama Rosane. No dia dos festejos, aconteceu o estardalhaço, com o anúncio do projeto que teve à frente a ministra Zélia Cardoso, a primeira mulher a assumir o Ministério da Fazenda. Ele não apareceu e, mesmo assim, a festa aconteceu com muita alegria, para surpresa da anfitriã.

“Na época do Collor foi muito interessante, eu fiz a decoração da Casa da Dinda e ele confirmou a presença na minha festa. Tudo organizado, mas, confiscou o dinheiro da poupança no dia minha festa. Eu pensei que todo mundo ia morrer, todos estavam tão estatelados, mas acabou que todos foram e a festa aconteceu. Claro que o Collor não foi, não tinha clima para ele. A festa aconteceu no clima do vamos esquecer e seguir em frente”, relata.



Roberto Carlos e Moema Leão em 1976, durante a festa dos estados em Brasília, no show do Rei promovido pela socialite

As festas memoráveis sempre tinham um tema. “Teve uma festa na época do Tancredo (Neves), em que o Brasil ia mudar. Era uma festa toda em preto e branco, pois quem vai para o Itamaraty tira o blazer e está de preto e branco, e as mulheres sempre têm um pretinho básico. Inclusive, foi uma festa maravilhosa. Depois eu fiz a do Botafogo, sou botafoguense, mas todo mundo de paetê. Era Botafogo, um time de futebol, mas tinha glamour. Depois fiz a solte as suas feras, com todo mundo de onça”.

Sobre o diferencial e o motivo de ser conhecida como a dona das melhores festas de Brasília, não tem segredo para Moema, é inerente. “Eu gosto muito receber. O diferencial é o prazer que tenho em receber e meu ex-marido me dava muito apoio, porque você só faz se tiver apoio”.

Entre as figuras famosas que frequentaram a Mansão Flamboyant, Nelson Piquet “faz parte do metiê”, como diz Moema Leão, já que o ex-piloto campeão do mundo de Fórmula 1 nos anos de 1981, 1983 e 1987 é seu genro, casado com a sua filha Viviane Piquet.

“Hoje em dia, fazer uma festa é muito sofisticado, é muito exagero, acaba inibindo”

Novos tempos

Atualmente, Moema não pilota mais festas grandiosas, a não ser no dia do seu aniversário. “Faz tempo que não faço festa. Depois que comecei a fazer a Casa Cor, meu tempo ficou muito apertado, lotado, porque o evento consome o ano inteiro de preparação, com muita festa e muito coquetel. O máximo que faço é o meu aniversário temático”, explica.

Falando em festas nos de hoje, Moema faz uma ressalva: os custos cada vez mais altos. “Os eventos de antigamente não tinham os recursos de

hoje. Não tinha buffet, não tinha muita coisa para alugar, você fazia tudo em casa. Eu tinha coisas demais para organizar as festas, a gente não tinha aonde alugar. Hoje em dia, fazer uma festa é muito sofisticado, é muito exagero. Eu acho um exagero. Acaba inibindo, inibe outras de fazer, porque o trem vai ficando tão sofisticado, tão caro. No meu tempo não era assim, ninguém gastava esses milhões que se gastam hoje, e eram umas coisas superbacanas, todo mundo adorava, e hoje não, toda festa é muito cara, tem muito detalhe”, assevera.

Herdeiras

Na sequência do ditado “filho de peixe, peixinho é”, as filhas de Moema seguem à risca os mandamentos na mãe na hora de realizar uma grande festa. Também são famosas em Brasília pelos grandes acontecimentos que pilotam. Na bela mansão que fica na badalada Península dos Ministros, no Lago Sul, Valéria Leão Bittar pilota memoráveis festas, que reúnem o PIB de Brasília e são notícia para páginas e páginas de colunas sociais.

Vivianne Piquet, casada com Nelson Piquet, festejou seus 40 anos, em 2011, com show privê da cantora baiana Ivete Sangalo. Festa que ganhou os devidos holofotes e comentários quase intermináveis.

Narcisca Leão é atriz, atuou no longa *Simplex Mortais*, de Mauro Giuntini, premiado como Melhor Filme de Ficção pelo júri popular do 16º Festival Ibero-Americano de Cinema e Vídeo, Rio de Janeiro, em 2009; e fez participações especiais em *Pecado Capital*, *Os Normais*, *Você Decide*. Como produtora, assinou vários eventos, como o Fashion Rio. Retornou à capital federal a pedido da irmã Valéria, para comandarem a empresa Valéria Eventos e Decoração, que assina decoração, sempre criativa, a exemplo da mãe, de festas inesquecíveis em Brasília. Ganharam fama ao ponto de organizar festa no paraíso nos paulistas na Bahia: Trancoso, e já foram capa da *Veja Brasília*.



Moema Leão e Lígia Camargo na festa Hollywood promovida por Moema Leão.

Trabalho social

A ainda locomotiva tem uma fundação que leva o seu nome, “Moema Leão”, com sede na Mansão Flamboyant, e realiza trabalhos sociais nas áreas mais carentes do Distrito Federal. “Eu tenho um centro de treinamento, só lido com mulheres, meu negócio é gerar renda para as mulheres. Meu trabalho é para fazer as mulheres melhorarem a sua qualidade através da sua renda, conseqüentemente, através do trabalho. Tem que trabalhar para melhorar de vida”, explica.

“Eu fiz um trabalho no presídio feminino, até ganhei um prêmio. Fiz um trabalho de fuxico com as presidiárias, tudo era comercializado, elas tinham um salário e ganhavam por produção. Tem que ser uma coisa comercial, mas que tenha qualidade e seja de bom gosto. Tenho um centro de treinamento. Entrei num projeto e ensinei a fazer bolsas e depois o Sebrae ingressou para que elas formassem uma associação. Minha hora de sair, porque o meu objetivo é deixa-las prontas para trabalhar e seguir o caminho ganhando a sua renda”.

“Você tem que saber o que te faz feliz. Se não faz feliz, tem que acabar”

À frente do seu tempo

Moema Leão se define como uma “pessoa muito curiosa”. Vanguarda, está no quarto casamento. Normal para ela, sob a afirmação de que o importante é “ser feliz”. “Não deu tudo errado nos outros casamentos, é que chegou num ponto em que não estava bem e é preferível separar e não levar para frente uma coisa que está te fazendo mal”, considera. Aconselha: “Você tem que saber o que te faz feliz. Se não faz feliz, tem que acabar. Eu tenho essa busca da felicidade, tenho 68 anos e o que me ajuda muito a estar sempre na frente”. Na correria do dia a dia, o que a revigora é fazer a Casa Cor de Brasília, acompanhando tendências.

Não tem qualquer problema com a velhice. “A maioria das mulheres tem receio da velhice, ficam apavoradas, mas todo mundo vai envelhecer, é o ciclo da vida, mas você pode envelhecer sendo interessante, não só reclamando de doença. Eu participo da vida da cidade, tanto da vida social quanto ajudo a comunidade e isso te revigora, você se sente útil. As pessoas têm prazer da sua companhia, isso é fundamental para a vida, é o alimento da vida”, aconselha.



Valéria Leão, filha de Moema na festa hollywoodiana promovida pela mãe

Em família

Atualmente casada com o empresário Celso Martins, a decoradora, ao ser indagada sobre se as pessoas a reconhecem como sogra de Nelson Piquet, responde: “Você sabe que nem lembro disso? Porque ele é uma pessoa excepcional, mas tem a vida dele lá. Às vezes vou a São Paulo e dizem “olha essa aqui é a sogra do Nelson Piquet”, até eu levo um susto, não é

uma coisa que fico falando”, resume.

Como mãe, Moema se define como presente e atenta. “Se precisa de qualquer coisa, estou ali, atenta e observando, mas não sou de ficar sofrendo”. Moema é avó de seis netos: Natália (25 anos), Isabela (17), Luíza (15), Pedro (15), Antônio (14), Marco (12).

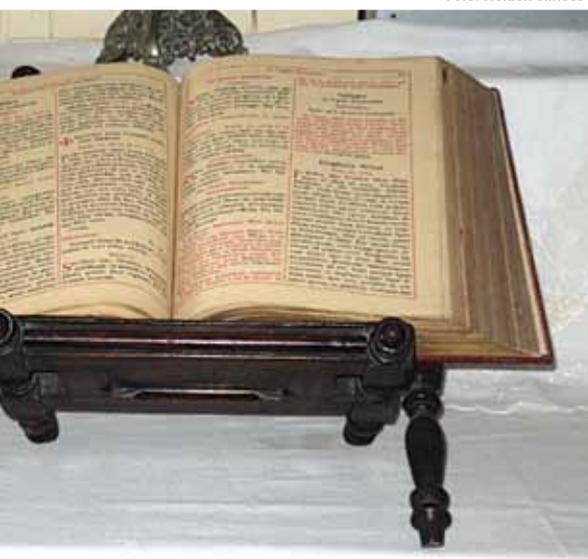


RIQUEZA RELIGIOSA AOS CUPINS

A bela Igreja do Galo abriga um museu de arte sacra, com obras seculares, que sofre a ação de cupins e a ausência da necessária manutenção rigorosa

Por Louise Aguiar
Fotos: João Neto

Foto: Heldon Simões



TERCEIRA IGREJA construída em Natal, na segunda metade do século XVIII, a Igreja de Santo Antônio, ou simplesmente Igreja do Galo, ainda guarda característica de um verdadeiro confessionário. É até hoje referência quando se fala em confissões. Construída no estilo barroco, é um dos templos mais originais, devido às poucas remodelações que sofreu. A história diz que a Igreja de Santo Antônio foi concluída em 1766, construída pelos próprios fiéis, com a ajuda do governo da época, mas não se tem certeza sobre a data, diante da escassez de documentos.

Então governador, Sanches da Silva, devoto de Santo Antônio, além de patrocinar parte da construção da igreja, presenteou a obra com azulejos portugueses e o famoso galo de metal, que veio diretamente de Portugal, fixado no topo da torre. “O galo para os portugueses tem significado de boa sorte”, explica o historiador e professor Luís Eduardo Suassuna, mais conhecido como Coquinho.

A Igreja do Galo, segundo o professor, é a mais original entre os templos construídos no século XVIII na capital do Rio Grande do Norte, feita em um barroco “pobre”. “Não tínhamos produto de sustentação econômica que patrocinasse grandes obras de arte. É um barroco pobre, mas muito bonito e bem trabalhado”, define e elogia Coquinho, também frequentador da igreja.

A pedra fincada na parede da igreja data de 1766. Naquela época, era um templo diocesano administrado pela freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, primeira matriz a ser construída em Natal. Quando se criou a Polícia Militar no Estado, em 1836, um quartel foi construído ao lado da Igreja de Santo Antônio, e aí o santo se tornou “Santo Antônio dos Militares”, o padroeiro dos policiais.

A igreja do Galo também marca o início da história do Colégio de Santo Antônio em Natal, que depois a Diocese repassou aos Maristas, que, ao tomar posse do colégio, o transferiram para a Avenida Deodoro da Fonseca, onde até hoje permanece. Não se sabe, porém, quando a igreja foi oficialmente inaugurada nem o primeiro padre a celebrar missa. “Muitos documentos da época se perderam, não havia essa preocupação com os documentos. Só sabemos que a conclusão geral da igreja se deu em 1799”, explica Coquinho.

O longo tempo que levou para ficar pronta, de 1766 a 1799, foi motivado pelas dificuldades, acredita o professor. “Naquela época não havia carro para levar material, pedra, nada,

tudo era carregado em carroças de boi, nos braços das pessoas. Os andaimes eram todos de madeira amarrada, tudo era muito difícil”.

Grandes nomes do clero passaram pela igreja, entre eles o padre João Maria, que chegou a celebrar algumas missas no templo. “Foi uma igreja muito importante dentro do contexto arquitetônico, histórico e religioso para o Rio Grande do Norte. Quantas pessoas não já casaram lá? Virou um camariz para os casamentos”, comenta o professor. Algumas ossadas de participantes do clero estão guardadas no Convento Santo Antônio, que foi construído na década de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial.



Paredes com rachaduras

Foto: Heldon Simões



Teto com tijolos aparentes, ameaçados por cupins

Museu ameaçado

No dia 21 de dezembro de 1988 foi criado na área da Igreja Santo Antônio o Museu de Arte Sacra. Lugar de rico acervo, com imagens dos séculos XVII ao XX, pinturas, alfaias, mobiliário, ourivesaria e prataria, que são utilizados no culto religioso; além de imagens e oratórios de camarinha, como mostra da devoção doméstica. Mas, toda essa riqueza religiosa e histórica está ameaçada. A madeira do museu vem há anos sendo consumida por cupins e vários pontos estão deteriorados. Promessas de recuperação também vêm se somando há anos. Algumas peças já foram danificadas pelo mofo, infiltração e cupins. Prédio de propriedade da Arquidiocese Metropolitana, mas cedido à Fundação José Augusto (FJA), vinculada à Secretaria Extraordinária de Cultura do Rio Grande do Norte, que é responsável pelo museu.

Em 2011, parte do teto de madeira, que serve de piso para a parte superior, chegou a um estado tão perigoso, pela ação de cupins, que a equipe responsável pelo museu interditou o acesso. Lugar onde o gesso frágil ameaça ruir e cair sobre seculares obras. Estolas ficaram cobertas por 'pó' de cupim. A administração, então, enviou ofício à FJA relatando os sérios problemas. A resposta veio com o envio de uma equipe ao local, que analisou os problemas, apontou soluções e prometeu solucionar, mas, até hoje nada. Coordenadora de museus da (FJA), Luana Oliveira Costa



Relíquias históricas em sala que necessita de manutenção



Belíssimos Santos "esquecidos" pelo tempo



Santo Antonio parece olhar o abandono



Painéis históricos fazem parte do acervo da igreja centenária



Quadros que remetem ao passado

atesta que o “museu é um importante instrumento cultural” que oferece ao “público visitante e pesquisadores um acervo rico, além de reunir documentação histórica de paróquias, partituras de músicas sacras e textos literários sobre o tema produzidos no Rio Grande do Norte”. Questionada sobre projeto de recuperação, afirma que existe uma proposta de revitalização e reestruturação, mas que o governo do Estado ainda não tem recursos para lançar edital de licitação. “Essa pro-

posta tem como objetivo recuperar a estrutura física do local, bem como propor um novo plano museológico e possivelmente aquisição de acervo”. Mas, apenas planos. Ideias.

Sem outras fontes de arrecadação, o museu sobrevive apenas dos poucos trocados da taxa simbólica que cobra aos visitantes. Lugar visitado em sua maioria por estudantes de escolas públicas e privadas e turistas, e, com menos frequência, por alunos cursos de graduação de universidades locais.

Para o professor Coquinho, o problema maior é a falta de mais incentivo da sociedade e do poder público para que se juntem as peças sacras dispersas em coleção de particulares e pessoas que não valorizam as peças. “Como é uma constante atualmente, todos os museus passam por uma crise muito grande. Não era para estar assim pela grande quantidade de turistas que visitam Natal neste período de Copa do Mundo”, lamentou.



Área externa do convento se mantém conservada graças à doação dos frades

O convento

É na década de 1940 que a Diocese convida os franciscanos para tomarem conta da Igreja e do Convento Santo Antônio. De acordo com o livro do padre Eymard Monteiro, já falecido, onde hoje funciona o convento era um casarão velho com algumas repartições de taipa, salão amplo para reuniões e um quarto maior que ficou para o frei Agatângelo, guardião responsável pela construção do convento.

Foi criada, então, uma comissão para tratar da construção do prédio. A obra ficou orçada em 400 mil cruzeiros e o frei Agatângelo partiu para as ruas e cidades do interior do Estado em busca de fundos. Em fevereiro de 1946, iniciou-se a demolição

do casarão velho para reconstrução do convento, que durou um ano. A inauguração aconteceu dois anos depois, no dia 1º de fevereiro de 1948, com uma grande festa.

Quem narra a história relatada no livro de padre Eymard Monteiro é o frei José Xavier da Paixão, 39 anos, que vive há 17 anos como frade franciscano. Ao final da construção do convento, ainda existiam 200 mil cruzeiros de dívidas, os quais o frei Agatângelo conseguiu quitar com a ajuda do povo.

Desde os primórdios das atividades dos franciscanos em Natal que ficou instituído o Pão de Santo Antônio, distribuído aos necessitados todas às terças-feiras nos três

horários de missa. Outra referência atribuída à igreja e ao convento é o confessionário. Desde a década de 1940 até hoje a marca permanece. “Sempre disseram que a Igreja do Galo era a primeira a abrir e a última a fechar. Quando se fala em confissão, somos referência”, diz o frei.

A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, no entanto, Mas, segundo frei Xavier, tem uma história mais antiga no Rio Grande do Norte, datada de 1853, quando participaram das edificações das cidades de Santa Cruz, Canguaretama e da construção da Igreja Matriz em Ceará-Mirim. “Mas só na década de 1940 que somos convidados a montar uma fraternidade no Estado”, conta.



Religiosidade presente em todos os ambientes do convento



Escultura do santo no jardim



Mesmo com problemas, prédio do Convento continua belo



Do térreo vê-se a torre da igreja e o galo português

A vida dos frades é de nômade. Frei Agantâgelo, depois de construir o convento, foi transferido para outra casa, em 1948. Frei Xavier conta que os frades passam no mínimo três e no máximo seis anos em uma casa paroquial. Dependendo da necessidade, o tempo pode diminuir ou aumentar, mas é raro acontecer. “Tem muito a ver com nossa compreensão de vida. Quando saímos daqui, só levamos o que está no quarto. Somente a mala de roupas”, explica.

O Convento de Santo Antônio em Natal abriga o primeiro postulante do curso para se tornar frade. Segundo o frei Xavier, que fez o primeiro ano em Natal, é um ano de adaptação. “Saímos da rotina secular e entramos na religiosa. É um período para se adaptar a essa nova vida”, conta. No convento, há três funções específicas para aqueles que são responsáveis pelo lugar: o guardião, uma espécie de gerente administrativo; o secretário ou vice-guardião e o formador, responsáveis pela formação dos postulantes.

Toda a área que compõe a igreja, o convento e o Museu de Arte Sacra pertence ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por serem tombados pelo patrimônio histórico. A manutenção dos prédios, porém, fica a cargo dos franciscanos.

De feirante a frei

Carlos Alexandre Lima da Silva, 35 anos, era feirante antes de se tornar frade. Daquela época, trouxe para a vida franciscana o costume de acordar muito cedo. Há 14 anos na vida de convento, costuma acordar entre 4h30 e 5h. Sua primeira ação do dia é orar. “Nossa vida está alicerçada na oração, preciso estar em intimidade com Ele (Deus) para direcionar minha vida humana, afetiva e espiritual”, considera.

Depois da meditação individual ao acordar, o frade desce para as orações canônicas junto aos demais, que acontecem sempre às 6h30. Às 7h, tem início a missa com a comunidade. Depois da missa, toma o café junto aos demais frades e postulantes, o que ocorre todos os dias às 7h30. Após cuidarem dos afazeres domésticos, iniciam as aulas com os quatro postulantes do primeiro ano. Hoje, frei Carlos é formador do curso. “Estudamos português, espanhol, literatura, um pouco de latim e filosofia”, conta.

As tardes são dedicadas à leitura e aos estudos. De terça à sexta-feira acontecem as confissões e frades como Carlos Alexandre entram na escala para atender a comunidade. “Também visitamos famílias, jovens, hospitais, fazendo a unção dos enfermos. Celebramos missas fora daqui”, explica. À noite também tem missa. E depois da última oração



Frei Carlos atendeu ao chamado de Deus há 19 anos

canônica do dia, as “completas”, que acontecem às 21h30, é hora de se recolher.

Os frades também costumam jogar vôlei duas vezes por semana em uma quadra que fica dentro do convento. Para conseguir reunir dois times de seis pessoas, eles convidam o sacristão da igreja, os postulantes, crismandos e funcionários do convento. Às vezes fazem uma tarde de filmes, “um momento de fraternidade”, quando reúnem todos em torno

da televisão.

Frei Carlos diz que começou a refletir sobre sua vocação com 16 anos, ao sentir “o chamado de Deus”. A família era contra a ida ao convento, não queria perder a ajuda do filho na feira. “Minha mãe queria que eu continuasse ajudando em casa, acordando de madrugada para ir vender na feira, até que no dia do encontro de postulantes no convento eu coloquei alguém no meu lugar na feira e vim para Natal”.

Carlos Alexandre cresceu em Jacobina, comunidade do município de São Gonçalo do Amarante. De lá, todos os dias de madrugada, partia para Bom Jesus, Macaíba, ou até Natal, para comprar frutas e verduras na Ceasa. Mesmo vivendo em um lugar tão distante, conseguiu iniciar a vida religiosa na igreja da paróquia.

Por conta das atividades na igreja, teve chances de ir a Canindé, no Ceará, e conhecer a vida dos frades franciscanos.

“Quando cheguei lá, vi que queria viver daquele jeito. Foi quando decidi entrar para o convento dos franciscanos”, conta. Passou por todo o processo seletivo e ingressou no Convento de

Santo Antônio. Hoje ele é um dos frades formadores do curso. A seleção tornou-se mais rigorosa: é preciso ter segundo grau completo e preencher alguns requisitos, como ser maior de 18 anos. Um grupo de pessoas faz uma análise psicológica – além dos frades, dois psicólogos participam – para analisar a vocação do postulante.



Frei Xavier preza pela rotina secular



Vida regrada faz parte do dia a dia no convento

Vida regrada

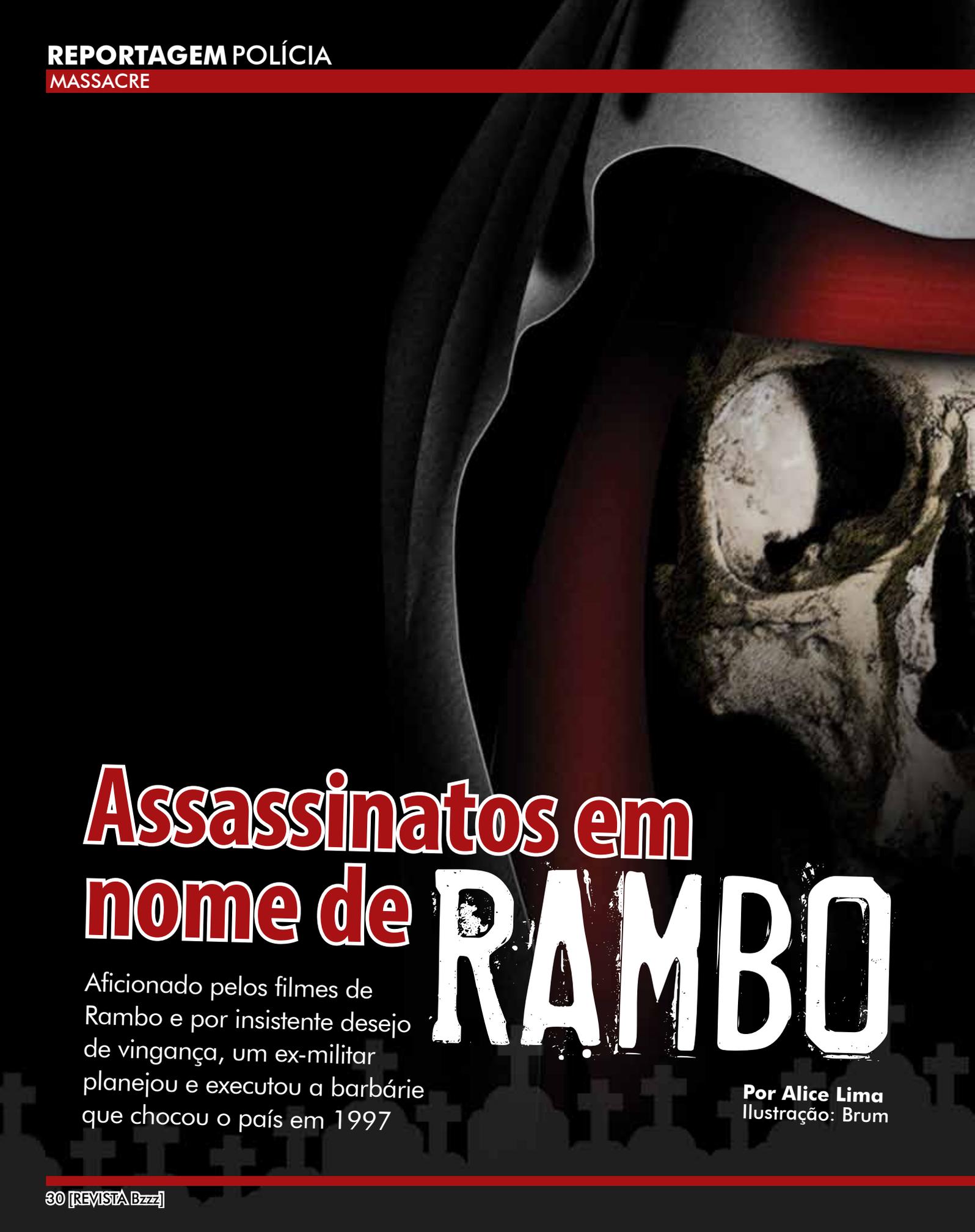
Ao entrarem no convento, os frades fazem os tradicionais três votos: castidade, pobreza e obediência. Os três estão muito interligados, afirma frei Carlos Alexandre. “Quem obedece procura ser casto e pobre. O voto da obediência se liga aos outros dois”, diz. A pobreza, entretanto, não significa passar necessidade. Os frades levam uma vida simples, mas confortável, no convento. Sobrevivem

de doações dos fiéis. Às vezes as doações são tantas que eles compartilham com 165 pessoas assistidas em um projeto social da paróquia, oferecendo comida, remédios e assistência.

Os freis não recebem salário para desempenhar a função, mas tudo que recebem das missas, casamentos e eventos realizados partilham entre si. “Tudo o que o convento recebe, nós partilhamos. Todos desfrutam

disso, não passamos necessidade. O povo de Deus que mantém o convento é um povo muito generoso, não falta nada”, garante.

Realizado, diz que pretende terminar sua vida no convento. “Sou muito feliz como frade, como padre e como homem. Acredito que seja a minha vocação mesmo. Sou muito feliz e peço as orações de todos para que nos mantenhamos firmes aqui”.



Assassinatos em nome de **RAMBO**

Aficionado pelos filmes de Rambo e por insistente desejo de vingança, um ex-militar planejou e executou a barbárie que chocou o país em 1997

Por Alice Lima
Ilustração: Brum

HISTÓRIAS DE ATIRADORES QUE invadem escolas, locais de trabalho, e matam colegas, chefes ou professores tornaram-se até comuns nos tempos modernos, embora mais restritas aos Estados Unidos da América. Porém, ainda em 1997, na cidade de São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, um caso com traços cinematográficos chocou o país. Em um dia de fúria, o ex-militar Genildo Ferreira de França, então com 27 anos, resolveu dar vida real ao então famoso e violento personagem Rambo (dos filmes interpretados pelo ator Sylvester Stallone na década de 1990) e, motivado pelo sentimento de vingança, promoveu um roteiro de barbárie. Matou 14 pessoas de uma lista preparada maquiavelmente.

Os problemas surgiram dois anos antes, quando Genildo França perdeu um filho de dois anos, vítima de atropelamento. A partir daí, os planos de vingança o dominaram e os motivos para querer a morte das pessoas que o contrariavam cresceram assustado-

A notícia

Para Jota Gomes, o dia 22 de maio de 1997 faria parte de suas sonhadas férias. A programação era ir a Fortaleza, capital do Ceará, para o passeio programado. Enquanto organizava a mala, surgiram as primeiras notícias por telefone. “Ligaram da redação da TV perguntando se eu estava em Natal. Achei estranho, pois todos sabiam das minhas férias e havia outras. Falaram que era um fato fora do comum, acontecimento internacional. Só não imaginei na hora quão incomum de fato era”, recordou o repórter. Exatamente na hora do contato, a terceira vítima era assassinada. Foi quando ele resolveu desistir da capital cearense.

Ao chegou na emissora, duas equipes de reportagem, lideradas pelos repórteres Inaldo Farias e Ubaldo Batista, preparavam-se para as matérias. Naquele momento, Gomes soube que a presença dele era um pedido do atirador, que espalhou pela cidade sua vontade de que o famoso repórter les-

ramente. Entre as suposições nunca comprovadas, o envolvimento com drogas, o fascínio por armas de fogo e relações homossexuais eram questões que o perturbavam. Na noite do dia 21 de maio, ele iniciou sua missão de serial killer. Saiu de casa usando botas de cano longo, bermuda, colete com estampa de camuflagem, armas e munições, e cometeu as matanças. Só parou na manhã do dia 22, quando foi morto durante um confronto com a polícia, e levou o pequeno distrito de Santo Antônio dos Barreiros ao conhecimento do mundo.

As cenas inacreditáveis para uma pacata cidade viraram o documentário Sangue de Barro, exibido pela TV Brasil. Entre as características curiosas dessa história está a fixação do assassino por ser compreendido e ganhar fama, por meio de uma carta deixada para o repórter policial local Jota Gomes, uma celebridade à época, do programa Patrulha Policial, na TV Ponta Negra, afiliada ao SBT no Estado.



Reporter Jota Gomes, na marca da exclusividade

se sua carta de explicações em rede nacional. Mais vítimas morriam, mas ainda pouco se sabia sobre motivações e a autoria era indefinida. Pela agilidade dos acontecimentos, a suspeita inicial era de que fosse um grupo com vários atiradores e não apenas um assassino sanguinário.

O motivo de escrever estas poucas linhas, não é pra justificar o erro que eu fiz, mas só assim eu conseguirei provar pra todo mundo, e desafiá-lo pra qualquer um que queira provar que eu sou homossexual, nem eu era, nem vou ser por esse comentário que eu fiz que aconteceu toda essa tragédia. Eu não me sinto uma pessoa normal depois desse falso que levantaram contra minha pessoa.

Aqui eu escrevo minhas palavras finais, poderiam dizer que eu fiquei louco mais não me assino, eu recomendo a alma de todos para Deus. E espero que Deus me perdoe por este ato que eu fiz, mais era minha única solução. Eu espero que esta carta

seja enviada para J. Gomes para que ele divulgue para o Público, e que aconselhe a todos a não levantar falsos do seu próximo.

Porque aqui porque não tenho mais condições.

Para todos desejo uma vida de dignidade a qual eu não tive.

Eu posso até não virar a morte do meu filho se não tiver condições.

Toda difícil viver não aceit na solidão pelo simples capata que me levantou sem falso mais agora está morto.

Eu imploro perdão de todos que tentam me compreender. Eu não fiz isto por prazer fiz forçado.

O reforço da polícia chegou à tarde. “Lembro que me integrei às equipes jornalísticas para acompanhar, não fiz as matérias do dia. Quando chegamos à cidade, já falavam em um psicopata matador profissional. O clima era de suspense, exatamente como um filme”, relembra Jota Gomes. Aos poucos, a identidade do autor das cenas ainda confusas começou a virar certeza. Logo descobriram que ele foi soldado do Exército, considerado um excelente atirador e adorador de armas de fogo.

De repórter, Jota Gomes passou a ser o entrevistado, procurado por veículos de todo país, por telefone. Em questão de horas, o mundo se voltou para o pequeno distrito, com presenças, inclusive, de representantes do Judiciário e das Forças Armadas. No céu, helicópteros reforçaram as buscas pelo assassino em série.

Jota Gomes ficou até o desfecho da história, com a carta entregue e lida. Para ele, é uma das lembranças mais marcantes da vida profissional. Até hoje, uma cópia está guardada em sua casa e, a original, faz parte das provas recolhidas pelo Instituto Técnico de Polícia do Estado (Itep/RN).

Ainda continuando deixo um forte abraço e um beijo pra toda minha família, e que toda minha família não embos a religião, mas que todos se reúnam e construam uma verdadeira corrente de oração para que Deus tome conta de minha alma.

ADEUS
PARA TODOS

Escrevi Jemildo.



Velório comunitário aconteceu no ginásio da cidade

Tragédia calculada

A mudança de comportamento de Genildo começou com a morte do filho de dois anos de idade, que brincava na rua quando, inesperadamente, atravessou a rua correndo no momento em que passava um carro. Desavisado, o motorista o atropelou e a criança não resistiu aos ferimentos. A dor pela perda foi transformada em ódio e vingança. Os instintos assassinos do comerciante até então pacífico foram despertados.

William Dantas Nobre Júnior, casado com a irmã

do serial killer, lembra cada detalhe do período. “Ele era uma pessoa muito querida antes de perder o filho. Depois, não dava mais para reconhecer”, lembra. Após a morte do filho, o primeiro problema surgiu no momento de dividir a indenização do seguro de vida. A mãe da criança, primeira esposa de Genildo, saiu da cidade com as duas partes. Ele, então, ameaçou-a. Falou que ela deveria voltar para casa, devolver e o dinheiro que o pertencia, caso contrário, morreria.

Com ideias perigosas na cabeça, comprou duas armas e um caixão e pediu que a funerária realizasse a entrega à meia-noite. O fato chegou ao conhecimento da polícia, que o deixou detido por pouco tempo. Ideias confusas começaram a ser ditas sempre por ele, como a admiração pela novela *A Viagem*, exibida pela Rede Globo, e os filmes de Rambo. Existia o pensamento de unir as duas criações da ficção em um roteiro da vida real.

O cunhado, Júnior, chegou a montar um bar para Genildo administrar. A casa em ele que mora hoje com

a família pertencia ao assassino. Foi comprada, à época, por R\$ 5.000,00. E foi o imóvel que começou a gerar problemas graves entre os dois e levá-lo a ser um dos principais integrantes da lista de vítimas. A pedido da esposa, Júnior não quitou o valor combinado, pois existia a preocupação de que tudo fosse gasto para comprar drogas. A dívida gerou ameaças de morte e o ódio do atirador, que enviou cartas onde simbolizava que toda a família – composta por Júnior, a esposa e dois filhos (a menina de seis meses e o menino de dois anos) – seria assassinada por ele.

Foto: Canindé Soares



Vista aérea de São Gonçalo do Amarante

O dia de fúria

Também chamado de “Neginho de Zé Ferreira”, então com 27 anos, no dia da matança, saiu de casa paramentado como se Rambo fosse, carregando no peito uma faca de caça e cartucheiras, além de uma pistola 7,65 mm e um revólver calibre 38, com silenciador, em uma bolsa de náilon.

Não há consenso em relação ao número de

vítimas, pois, por mais curioso que pareça, o caso não virou inquérito policial. O delegado responsável foi Sérgio Leocádio, que respondia pela região. Segundo as memórias da família de Genildo, a primeira vítima foi o amante da segunda esposa, Mônica França, de quem levou o carro para ajudar nas mortes que estavam por vir.

Os pais de Mônica, assim como os da primeira mulher, também foram assassinados. As duas mulheres também. Quando procurou o cunhado Júnior para matá-lo, encontrou outros da lista no caminho, um tio e um colega. Ambos tinham dívidas financeiras com o almozinho e pagaram com a vida.

Mônica queria se divorciar do marido sob a justificativa de que ele era homossexual. Chateado com o boato, o atirador também matou aquele que diziam ser o seu amante. Um rapaz mudo, que fazia gestos obscenos quando Genildo passava, também foi vítima da ira.

Quando chegou à casa de Júnior para tentar matá-lo outra vez, foi abordado por policiais. Ele matou um policial, feriu outros dois, pegou a arma de um deles e continuou com os assassinatos. Levou duas pessoas como reféns: a filha Nayara e outra mulher.

Até hoje não se sabe se Genildo foi morto pelos tiros da polícia ou suicidou-se. As reféns escaparam. Os próprios pais do assassino foram ameaçados e o ouviram dizer: “Papai e mamãe, me perdoem, mas acho que vou matar para vocês não sofrerem porque o que eu fiz não tem volta”.

O carro que pegou do primeiro assassinado foi a pista inicial que o identificou com assassino, pois abasteceu três vezes no mesmo posto. Um conhecido da vítima estranhou que Genildo estivesse no veículo e foi até à delegacia prestar queixa, o que deu início às buscas que duraram quase 24 horas e terminaram com 14 mortos, de uma lista com 20 nomes. O homem que, acidentalmente, atropelou a criança anos antes, estava na lista, mas não foi morto por um golpe de sorte do destino. De última hora, resolveu não voltar para casa naquele dia.

Revolta eterna

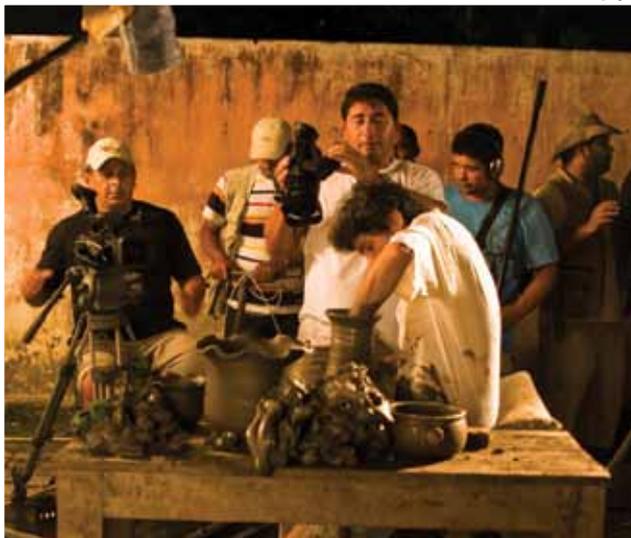
Júnior foi quem cuidou do sepultamento do Rambo da vida real. Não foi possível enterrá-lo em São Gonçalo, pois a população queria queimar o corpo e estava revoltada, também, com a família. Por isso, os restos mortais estão no cemitério público do Bom Pastor II, em Natal.

Apesar da fama de homossexual, Genildo França teve dez filhos. Um deles é criado pela tia. Segundo Júnior, são todos tranquilos e não têm comportamento agressivo. Sobre o assunto, a família optou pelo silêncio e procura levar uma vida dentro da normalidade.

Sangue de Barro

Após a vida imitar as cenas das telas de cinema, a arte imitou a vida. O massacre foi retratado no documentário “Sangue de Barro”, contemplado pelo edital Doc TV 4 - 2008 da TV Brasil. O tema da seleção foi “Quando a realidade parece ficção é hora de fazer documentários”, sob a direção de Fábio de Silva e Mary Land Brito.

Divulgação

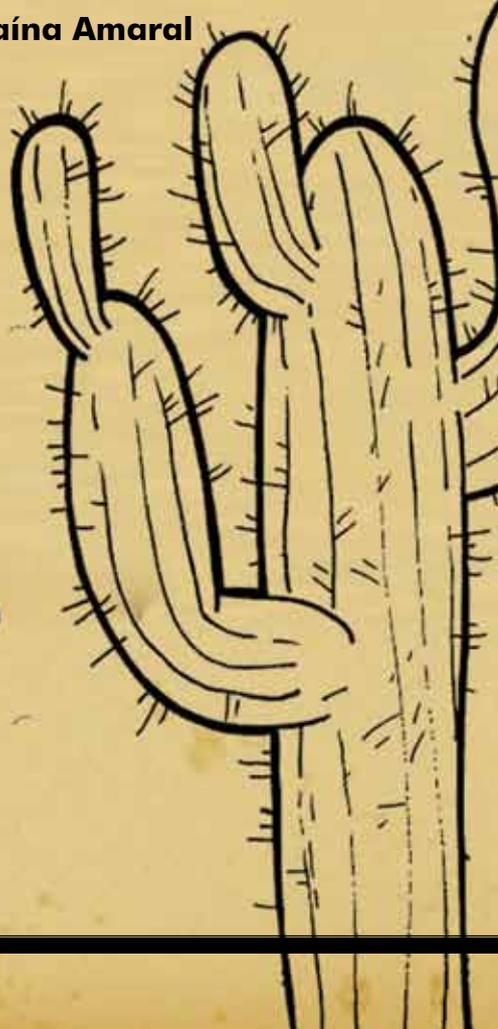
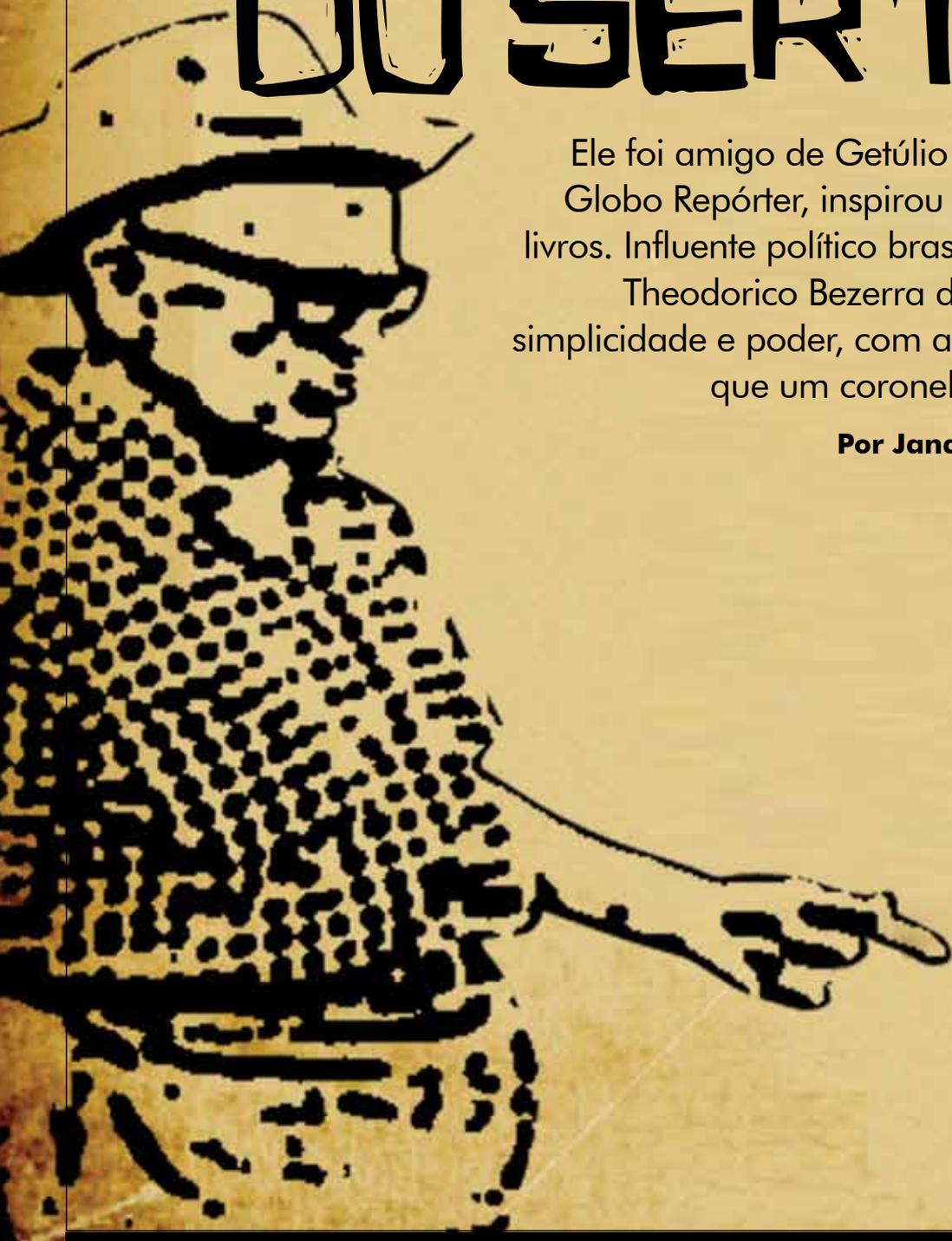


Bastidores do filme Sangue de Barro

O IMPERADOR DO SERTÃO

Ele foi amigo de Getúlio Vargas, tema de Globo Repórter, inspirou documentários e livros. Influente político brasileiro, o potiguar Theodorico Bezerra desfrutou de luxo, simplicidade e poder, com as excentricidades que um coronel da época podia

Por Janaína Amaral



QUANDO SETEMBRO CHEGAR, completar-se-ão 20 anos da morte de Theodorico Bezerra, o Majó Theodorico, nome que consta na lista das maiores lideranças políticas não apenas do Rio Grande do Norte, mas também além das porteiras das suas terras que se perdiam de vista. Consta na lista dos influentes políticos brasileiros. Natural da cidade de Santa Cruz, região do Trairí, foi considerado um “novo coronel”, a contar que não reverberava às características de truculência dos autoritários de dantes. Mesmo assim, não media esforços para conquistar vitória, mesmo que fosse preciso subornar, ameaçar. Mas, sabia o momento certo para um pedido humilde. Da mesma forma que fazia favores, também passava por traições, o importante era vencer. Era chamado de o “Coronel do Sertão”. O termo “majó” (major), acreditam alguns, foi alusão à sua progressão após deixar o Exército, onde serviu no 21º Batalhão de Caçadores, até o posto de cabo. Pela posição, ficou conhecido pela alcunha de “cabo”, e o título de “majó” surgiu ao ingressar na militância política, mas a família não sabe como surgiu “majó”.

O termo coronel pode parecer pejorativo, por remeter a senhor feudal, latifundiário, autoritário, mas quem conviveu com o Majó Theodorico Bezerra, mesmo que por pouco tempo, pôde comprovar que ele despertava curiosidade principalmente por ser muito culto, rico, visionário e gostar das coisas simples e do sertão. Sua vida

rendeu séries de reportagens, Globo Repórter, filme e livro. Um personagem marcante da política potiguar que impressionou do cartunista Henfil ao presidente Getúlio Vargas; dos seus trabalhadores na fazenda Irapuru a seus adversários políticos. Neste ano de 2014 foi tema do samba enredo da Escola de Samba Balanço do Morro, da comunidade das Rocas, que sagrou-se tricampeã do Carnaval de Natal. Foi inspiração do documentário dirigido pelo cineasta Eduardo Coutinho, todo narrado pelo próprio coronel, uma espécie de autorretrato da elite nordestina, misturando seus cacoetes de poder e suas manias de grandeza.



Tema do Globo Repórter

Foi preciso o feeling jornalístico do cartunista Henfil para perceber que o “majó” era diferente de todos os coronéis que se relatava existir pelo Brasil. Mesmo quem convivía com o potiguar e sabia de seus hábitos excêntricos, não imaginava que seu jeito de ser e conviver fosse virar um documentário do Globo Repórter, sob o tema “O Imperador do sertão”, em 1978. A pauta para a Rede Globo foi sugerida pelo jornalista e colaborador de O Pasquim, Henfil, que morou em Natal e se deparou com o estilo próprio e intrigante de Theodorico Bezerra.

Henfil relata no prefácio do livro do mesmo tema escrito pelo médico e jornalista Lauro Bezerra que fez uma única sugestão ao recepcionar a equipe da TV Globo, no Aeroporto Augusto Severo: “Não riaram, nem chorem, mostrem”. O cartunista lembra ainda que entregou o ouro da descoberta da sua pauta para uma equipe de televisão, pois teve receio de, por meio de escritos no jornal, não conseguir traduzir e mostrar ao país quem de fato era o Majó Theodorico Bezerra.

“Não criamos nenhuma expectativa, nem imaginávamos que fosse dar certo”, conta Lauro. Um belo dia liga o roteirista, Eduardo Coutinho.

- Majó, aqui é da Rede Globo, a gente queria fazer uma matéria com o senhor.

- Olhe, esse negócio deve ser muito caro, quanto custa?

- Não, não custa nada não.

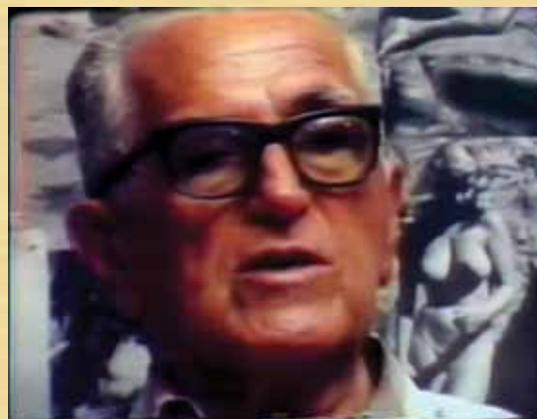
- Ahhh, isso pago é bom, quanto mais de graça... pode vim quando quiser, com quem quiser.

E vieram cinco jornalistas, cinegrafista, fotógrafo. Passaram uma semana entre Natal e a fazenda Irapuru para produzir o Globo Repórter. O documentário está disponível na internet Rede Globo.

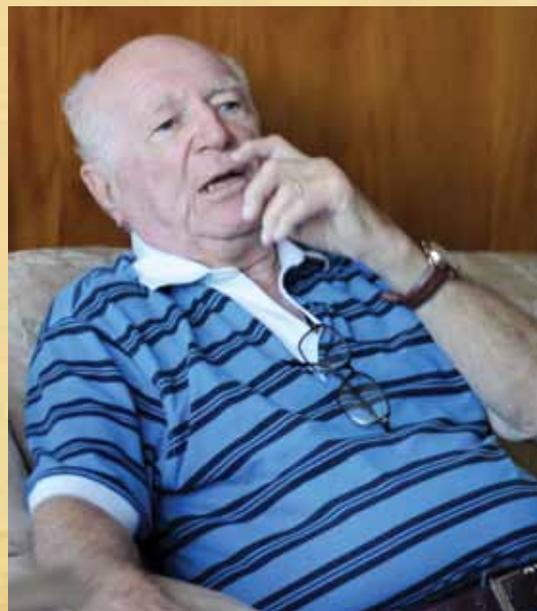
O programa veio consagrar toda excentricidade de Theodorico Bezerra. Por ser ano eleitoral e a lei da época não permitir, o programa não foi passado em Natal, mas na região Oeste era liberado. Para assistir, o major teve que ir ao Recife, capital de Pernambuco. Ficou tão satisfeito com o resultado que conseguiu uma cópia e mandou fazer várias, que exibia durante seus comícios.



Majó Theodorico Bezerra em sua área reservada com paredes dedicadas a recortes de mulheres bonitas



Majó Theodorico Bezerra no especial para o Globo Repórter - O Imperador do Sertão



Lauro Bezerra escreveu livros sobre vida e obra do “majó” Theodorico

Trajetória da fortuna

Impossível contar toda a vida desse empresário, político e amante do sertão em poucas páginas, afinal, trata-se de um homem que teve um programa de televisão inteiro veiculado na maior emissora de TV do país, visto em 1978 por 40 milhões de telespectadores, além de um livro publicado com recorde de vendas. “O livro ‘Majó Theodorico Bezerra, o imperador do Sertão’ foi lançado numa sexta-feira, 13 de Agosto de 1982, vendeu 266 exemplares, sendo considerado o maior lançamento

de livro de Natal até então, e até hoje continua a busca nas livrarias por um exemplar”, conta o autor Lauro Bezerra, que já escreveu sete livros, mas esse é especial e o de maior destaque do escritor, que é médico e ex-deputado estadual.

Hoteleiro, industrial, agricultor, dono de jornal, rádio e político. Mas, antes desse apogeu, a vida do Imperador do Sertão não foi nada fácil. Órfão de pai aos 11 anos, teve que começar a trabalhar muito cedo. Começou a trabalhar na feira de San-

ta Cruz, onde vendia couro curtido. Vendeu até caixão de anjo. Dinamismo era uma de suas virtudes. Com o dinheiro, ele e um amigo compraram um caminhão para frete. Depois, foi morar em Natal, e na capital, com a venda do caminhão, comprou o Hotel dos Leões, no bairro da Ribeira. Vendia um e comprava outro, assim foi dono do hotel Avenida, Internacional, até chegar ao Grande Hotel. “Foi no Grande Hotel que papai fez sua fortuna”, conta o engenheiro civil Kléber Bezerra, filho do major.

Auge

Em Maio de 1939 era inaugurado o Grande Hotel, construído pelo então governo de Rafael Fernandes. Ofereceu o hotel a vários arrendatários, mas ninguém se interessou por considerá-lo muito grande. Então surgiu o nome de Theodorico Bezerra, que já trabalhava no ramo hoteleiro. Oferta aceita, arrendou o Grande Hotel. Antes de abrir as portas, apesar de o hotel ser novo, ele fez uma série de reformas e só em 1º de setembro de 1939 começou a funcionar. Theodorico se mudou para o hotel com a esposa Zilah Bezerra e os dois filhos, Kléber, com 6 anos, e a irmã Sânzia, de apenas 2 meses. “Em 1939 estourava a 2ª Guerra Mundial, o Brasil entrou na guerra e Natal, em 1943, veio a ser base



Varanda do Grande Hotel reunia amigos em longas conversas

militar dos americanos. O Grande Hotel passou a ser palco da história do país e da fortuna do Majó Theodorico”, lembra Kléber.

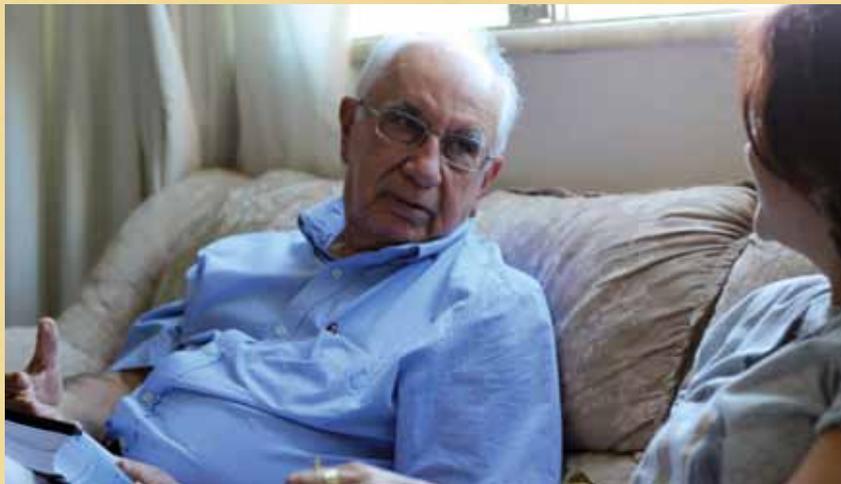
Eram muitos americanos e militares brasileiros que moravam no Grande Hotel, considerado o hotel mais luxuoso da época. E, Theodo-

rico fazia de tudo para atender bem, quando o hotel estava lotado cedia o quarto dele para os hóspedes e ia dormir no escritório. Naquela época não possuía Casa de Câmbio e como os bancos fechavam cedo o próprio Majó comprava e vendia dólar no hotel. O Grande Hotel foi palco de muitas decisões políticas, encontros importantes. O general Cordeiro de Faria, comandante do Exército, e o almirante Ary Parreiras foram dois dos personagens marcantes do país que moraram no hotel.

O “majó” Theodorico também foi dono do Cassino Natal, onde funcionou a loja de veículos Marpas. No ano de 1988, no governo de Geraldo Melo, ele devolveu o Grande Hotel ao Estado, pois a Ribeira começava a entrar em decadência com a transferência da rodoviária para o bairro de Cidade da Esperança.



Comício de Getúlio Vargas em Natal



Kleber Bezerra, filho do Majó Theodorico

O político

As atuações de Theodorico Bezerra passavam pelos bastidores da política local e nacional. Foi fundador e presidente do então PSD (Partido Social Democrático), atuou como deputado estadual por três mandatos, deputado federal por quatro vezes e vice-governador de Aluizio Alves. Não obteve êxito em duas eleições, para senador, em 1962, e deputado federal em 1970. Perdeu porque foi preso pela ditadura já próximo do dia das eleições. Seu reduto eleitoral sempre foi a região do Trairi. Deixou a Assembleia Legislativa com quase 80 anos. Depois dele, com essa idade, só Agnelo Alves ocupa um mandato na Assembleia.

Como deputado estadual, apresentou o projeto que criou o município de São José de Campestre, e atuou membro da Comissão do Comércio, Indústria, Agricultura e Obras Públicas.

Bastidores

Admirador de Getúlio Vargas, foi ao Rio de Janeiro por iniciativa própria conhecer o presidente da República. Ficaram amigos e passou a fazer parte da intimidade de Vargas, inclusive como hóspede na fazenda São Borja, em Minas Gerais, por três dias.

Na campanha de 1950, Getúlio Vargas esteve num comício em Natal e os bastidores dessa visita foram tumultuados. Por meio da influência de Theodorico, o presidente não desistiu de aterrissar na capital potiguar. “Papai era presidente do PDS e apoiava Getúlio para presidente da República e Dix-Sept Rosado para governador. Getúlio foi fazer comício em Fortaleza e a turma da UDN começou a sabotar para ele não viajar até Natal para que Dix-Sept não tivesse vantagem. Papai, que já era amigo dele e ficou com medo de desviarem a rota de Getúlio, então alugou um avião teco-teco

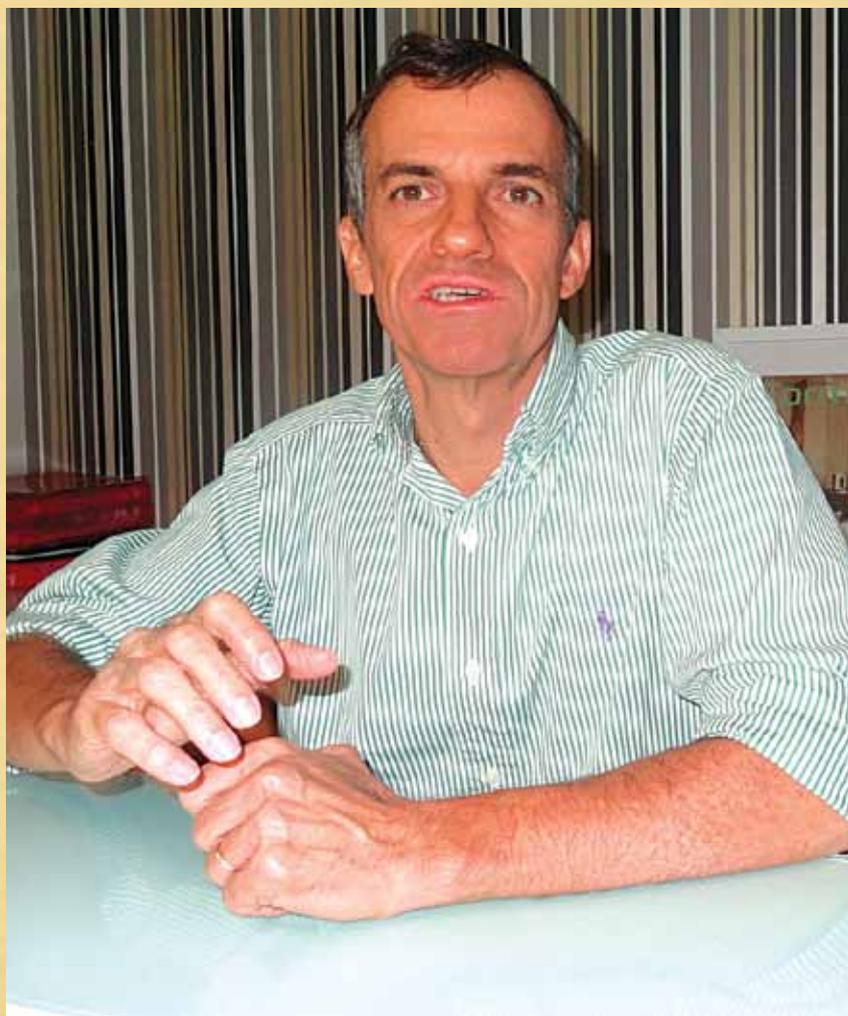
e voou para Fortaleza. Lá, colou em Getúlio e voltou no mesmo avião para Natal. Getúlio hospedou-se na casa de Dr. Álvaro Vieira, onde hoje é o prédio Varandas do Atlântico (na avenida que tem o nome de Getúlio Vargas). Fomos para o comício na Praça Pio X, onde hoje é a Catedral Nova”, conta Kleber.

Na época, o nome do potiguar Café Filho era sondado para ser vice-presidente, mas Vargas estava resistente. A princípio não queria Café. Reza a lenda que ele queria o general alagoano Gois Monteiro, mas o nome de Café foi imposto por Ademar de Barros, força política de São Paulo. O fato é que durante o comício em Natal as pessoas gritavam Café, Café... e Getúlio não citou o nome de Café. E não pretendia citar o nome de Dix-Sept para governador. No final, alguém “soprou” no ouvido dele, que, finalmente, disse: E para governador, Dix-Sept, que ganhou a eleição.

Lembra Carlos Augusto Rosado

Atual chefe da Casa Cível do Estado, Carlos Augusto Rosado, filho do ex-governador Dix-Sept não participou ativamente da campanha do pai, por ser muito pequeno, mas teve o prazer de conhecer o major Theodorico. “Ele era um político sagaz. Fui deputado estadual e naquele tempo a Assembleia Legislativa era só uma sala de reuniões para todos

os deputados, não existia gabinete individual, também não era dada ajuda de custo e o salário parlamentar nós deixávamos quase todo em hospedagem. Eu dividia o quarto com o padre Cortez, que também era deputado. Por insistência de Theodorico, nos mudamos para o Grande Hotel. Era um grande defensor do Trairi”, discorre Carlos Augusto.



Jorge Bezerra, ex-prefeito de Tangará e neto do Majó



Foto: Assessoria do Governo do Estado do RN

Sagacidade do Majó era admirada por Carlos Augusto Rosado

O viajante

Apesar de ser uma época que poucos viajavam, Theodorico sempre foi um viajante nato. Conheceu todos os países da América do Sul e outras partes do mundo, como Índia, Japão e Egito. Tinha interesse de saber como o homem do campo vivia. “Ele viajava para adquirir conhecimento, ficava amigo de todos. Foi por várias vezes à Amazônia e ficou amigo dos índios”, relembra o filho Kléber.

“A cada dois anos vovô viajava com os netos homens. Ele não levava as mulheres, mas elas eram agraciadas porque a mala vinha repleta de presentes. Era diferente e divertido. Nas viagens, ficávamos a metade dos dias em hotel bom e a outra em hotel mais inferior. Ele dizia que era para aprender a dar valor às coisas. Nas viagens, nós também tínhamos que nos virar. Como fazíamos inglês, ele sempre colocava o netos para resolver tudo para testar o nosso inglês”, recorda o neto Jorge Bezerra, ex-prefeito de Tangará.

Intrigante fazendeiro

Apesar de toda fortuna e de todo poder, o que o “Majó” Theodorico mais gostava era da sua fazenda Irapuru. Ao longo do tempo ele foi comprando as terras vizinhas e viveu grande parte de sua vida dedicada ao campo. Foi produtor e beneficiador do algodão.

Em suas terras os moradores não pagavam aluguel. Plantavam e colhiam. Cada morador possuía uma caderneta com os mandamentos da fazenda. Quem não seguisse suas regras não trabalhava lá. As regras impostas eram não tomar aguardente ou qualquer bebida alcoólica, acordar cedo para trabalhar, não falar da vida alheia, não andar armado, seja qual for a espécie de arma; proibido jogar baralho ou qualquer outro jogo, proibido criar seus filhos sem aprender a ler e a escrever, falar mal da vida alheia, inventar doença para não trabalhar.

Outro ponto alto na fazenda eram as festas e vaquejadas. Ele, a família e os moradores desfilavam para mostrar os gados, cavalos, todo rebanho. As mulheres desfilavam com os artesanatos. Político e criador de gado, chapeava o boi forte com PSD; e o boi magrinho pintava de UDN. A vaquejada era uma data marcante para a comunidade. Bem ao estilo 7 de setembro, data da Independência do Brasil. O “majó” se vestia de vaqueiro e

gostava de mostrar e valorizar seus moradores. O dinheiro que se apurava na vaquejada ele doava aos cegos de Santa Cruz.

Na fazenda também tinha um sistema de rádio e todos os domingos o “majó” se apossava do microfone para contar suas viagens internacionais, seu trabalho como deputado, seus encontros políticos, uma espécie de prestação de contas. No auge da produção de algodão, moravam 450 famílias na fazenda, cerca de três mil pessoas, e as famílias recebiam pela produção.

“Hoje já não se planta mais algodão na nossa fazenda. Plantamos feijão e possuímos gado. Com a morte de vovô, uma parte

da fazenda foi feita reforma agrária. Vendemos para o Incra 3,5 mil hectares. Quem já tocava a fazenda era papai e eu, o pessoal foi ficando, algumas pessoas saíram, outras não. Até hoje a memória de vovô é preservada pelos moradores. Têm netos de moradores que trabalham lá”, diz o neto Jorge Bezerra.

Na fazenda Irapuru toda casa continua preservada, o Castelo de Pedra também, que é uma atração à parte, porque o “majó” Theodorico colou fotos de mulheres sensuais na parede. “Pensamos em fazer um memorial, tudo é muito conservado. Quem sabe um dia”, espera Jorginho, como é mais conhecido o ex-prefeito.



Vida dedicada ao campo

Pitoresco

Foi na fazenda Irapuru que aconteceu um dos fatos mais inusitados na história de festas e repastos que marcaram o lugar. Para uma grande noite de recepção ao então influente ministro Mário Andreazza, “majó” Theodorico convidou importantes políticos, preparou pompas e circunstâncias, entre elas uma grande queima de fogos e banda de música para abrilhantar na hora exata em que o ministro adentrasse a fazenda.

Na hora aguardada, eis que surge um carro repleto de gente, a chegada do ministro é anunciada e, na primeira porteira, os fogos iluminaram o céu estrelado. Chegada à segunda porteira, com os fogos ainda pipocando, a banda de música, formada por homens, começou a tocar e o coral, formado por mulheres (todos da



Getúlio Soares e sua divertida visita à fazenda do Majó

própria fazenda) cantava “Qual cisne branco em noite de lua/Vai deslizando num lago azul/O meu navio também flutua...”. Quando os integrantes descem do carro, ecoaram gritos “para”, “para”, “para tudo”. Não era o ministro,

mas sim o badalado cabeleireiro Getúlio Soares, de Natal, acompanhado de uma animada turma de plumas e paetês.

Resultado: quando o ministro chegou, não tinha mais fogos para estourar.

Título de Majó

“Papai teve diversas fases na vida. Na época da sua juventude ele não era considerado major ou coronel, até hoje não sei por que chamavam ele de major. No interior, o fazendeiro que tem uma quantidade maior de terra ou é coronel, ou é major. Diziam que ele era major porque o tio-avô dele

já era coronel, que era Ezequiel de Souza, avô de Iberê (Ferreira de Souza, ex-governador) e bisavô do deputado estadual Ezequielzinho. Nunca tive a curiosidade de perguntar a ele por que major”, explica Kléber Bezerra.

Já a lenda reza que foi uma espécie de promoção, do cabo do

Exército para o major que comandou o sertão com dinamismo e traços fortes, que não fugia à luta e não media esforços para conquistar seus objetivos, sagrar-se vitorioso.

“Majó Theodorico” morreu no dia 4 de setembro de 1994, aos 93 anos. Partiu sem desfrutar do prestígio que o elevou ao posto de coronel.



SEM HABITE-SE

Proprietários e construtoras enfrentam meses e até anos de espera para conseguir liberação do documento essencial à ocupação de imóveis. Em Natal, alguns prédios públicos nunca tiveram Habite-se, como o Palácio Felipe Camarão e o Hospital Walfredo Gurgel

Por Marina Gadelha

Fotos: João Neto e Francisco José Oliveira

Palácio Felipe
Camarão, sede da
Prefeitura do Natal



POR TRÁS DE UMA CONSTRUÇÃO ou reforma há muito mais que concreto, tinta e tijolos. Afinal, desde o início até a finalização de uma obra é preciso cumprir uma série de exigências cobradas por órgãos fiscalizadores para garantir a segurança não somente dos futuros habitantes do imóvel, mas também de quem vive em seu entorno. Entre os documentos essenciais a esse objetivo está o “Habite-se”, cuja liberação atesta que a obra foi fiel ao projeto aprovado pela prefeitura e, dessa forma, seguiu as normas da legislação municipal referentes ao meio ambiente e urbanismo. Somente com o Habite-se em mãos o imóvel pode ser habitado, ocupado ou utilizado. No entanto, a emissão do documento se torna um martírio para os interessados por causa da demora que, em alguns casos, arrasta-se por anos.

Quando se trata de imóveis antigos, o quadro fica ainda mais delicado, pois o Habite-se é relativamente novo e as edificações construídas antes dele não seguem as obrigatoriedades atuais. Essa é a realidade, por exemplo, do Palácio Felipe Camarão, sede do poder executivo municipal, que não possui o documento emitido pela própria prefeitura de Natal. O Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, o maior do Rio Grande do Norte, referência no atendimento de urgência pelo Sistema Único de Saúde (SUS), também não tem Habite-se e precisa apresentar um projeto de proteção contra incêndio para regularização no Corpo de Bombeiros e, posteriormente, na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb). Outros prédios importantes que passaram por vistoria dos bombeiros seguem a

mesma situação do hospital, como o Procon Ribeira, Palácio da Cultura, na Praça André de Albuquerque, assim como as unidades masculina e feminina da Casa do Estudante.

Presidente da comissão de Direito Imobiliário da Ordem dos Advogados do Brasil no RN (OAB), o advogado Alexandre Gadelha explica que essas e as demais construções anteriores ao Habite-se não estão isentas das novas exigências. As primeiras normas de proteção contra o incêndio nasceram na década de 1970, no Corpo de Bombeiros do RN, após dois grandes incêndios nos edifícios Andraus e Joelma, em São Paulo. O Habite-se em Natal, por sua vez, surgiu na década de 1980. “Os prédios antigos – comerciais e residenciais, públicos e privados – não estão excluídos da fiscalização, pois ficaram sujeitos ao Habite-se quando as leis entraram em vigor”, esclarece Alexandre.

Para tanto, as edificações já existentes que não têm qualquer documento podem partir do zero em busca da regularização. Assim faz a Rampa, antiga base de hidroaviões formada por um conjunto de imóveis construídos na capital entre as décadas de 1930 e 1940. O palco do encontro entre os presidentes Getúlio Vargas e Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial é bem antigo, mas está em processo de regularização na Semurb e já recebeu o alvará para a restauração que o deixará apto a receber o Habite-se. O mesmo acontece com outros bens tombados como patrimônios históricos da cidade, a exemplo da Biblioteca Câmara Cascudo, Cidade da Criança, Grande Hotel e Ordem dos Advogados do Brasil, que possuem alvará para intervenção em sua estrutura.

Em relação ao Palácio Felipe Camarão, o arquivo do Corpo de Bombeiros revela que não existe sequer solicitação de regularização do imóvel junto ao órgão. Nossa equipe entrou em contato com a Semurb para obter informações sobre a situação do prédio e possíveis ações para regularização. Após dias de espera, a secretaria nos encaminhou ao Gabinete Civil da prefeitura, onde recebemos a resposta de que o Palácio Felipe Camarão será um dos contemplados com obras de restauração previstas no PAC Cidades Históricas, do governo federal.

De volta à Semurb, parceira do projeto, fomos avisados de que o calendário com os prazos e mais detalhes sobre a reforma ficam por conta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Procuramos a chefe da Divisão Técnica do órgão no Estado, Litany Eufrásio, na esperança de finalmente descobrir quando a edificação será restaurada, mas não houve retorno até o fechamento desta edição. Recorremos ao secretário de Meio Ambiente e Urbanismo, Marcelo Toscano, que, já no fechamento da edição, passou-nos os prazos de conhecimento da Semurb: o município tem até o dia 30 de julho para encaminhar ao



Prédio da OAB/RN

Iphan o termo de referência para aprovação do edital de projeto e execução, que deverá ser publicado em meados de agosto. Se tudo for executado dentro desse tempo, provavelmente em setembro começam as obras do imóvel onde o prefeito Carlos Eduardo Alves trabalha diariamente e que, por enquanto, permanece irregular.



Daniel Gleidson, tenente do Corpo de Bombeiros

Caminhos longos

A busca da regularização começa no Corpo de Bombeiros, responsável pelo primeiro habite-se: o Atestado de Vistoria do Corpo de Bombeiros – AVCB –, com a função de assegurar que a edificação foi vistoriada e se encontra de acordo com as normas de proteção contra incêndio e controle de pânico. Somente os imóveis unifamiliares não precisam dessa fiscalização, mas todos os outros, como os condomínios multifamiliares, empreendimentos comerciais e prédios públicos, devem apresentar o projeto ao Corpo de Bombeiros antes da construção. É esse o momento inicial da saga rumo à legalização, pois a aprovação demora uma média de 100 dias.

De acordo com o chefe da Sessão de Projetos e Pesquisas do Corpo de Bombeiros, tenente Daniel Gleidson, existe um critério de normas a serem obedecidas pelos engenheiros durante a criação de uma plan-

ta, como, por exemplo, a definição da distância entre extintores, a localização da iluminação de emergência e, para sistemas mais complexos, como de hidrantes e chuveiros automáticos, há cálculos específicos para dimensionar a bomba de pressão da água. “Nessa primeira fase, nós avaliamos se as medidas apresentadas estão corretas. Em caso de erros, emitimos um parecer que explica as alterações necessárias e devolvemos o projeto ao profissional para fazer as modificações. Após isso, aprovamos o documento no que concerne à proteção contra incêndio”, detalha o tenente.

A segunda etapa acontece ao final da obra, quando é realizada uma vistoria para conferir se o projeto foi executado adequadamente. Em caso de desconformidades, os bombeiros solicitam as correções e, somente depois de cumpridas todas as exigências, o Habite-se finalmente é liberado. Da solicitação de vistoria até o atendimento, a espera dura cerca de 40 dias, mas devido à Copa do Mundo esse tempo pode aumentar neste ano de 2014. Daniel Gleidson expõe que atualmente a corporação tem capacidade de atender às demandas que chegam a ela dentro dos prazos explicitados, mas o ideal seria fiscalizar as edificações ainda não regulares. Porém, não há efetivo suficiente.

“Quem procura o Corpo de Bombeiros geralmente precisa do nosso atestado por causa da fiscalização de outros órgãos. Os postos de combustíveis, por exemplo, são severamente inspecionados pela Agência Nacional do Petróleo e sempre buscam a renovação do Habite-se, que tem validade de um ano. Por outro lado, dificilmente recebemos pessoas preocupadas com a segurança do seu empreendimento que vêm espontaneamente em busca da regularização. Dessa forma, se houvesse mais bombeiros, poderíamos ir até esses estabelecimentos e realizar a vistoria para evitar desastres”, defende Gleidson.

A situação é alarmante, pois estima-se que 90% dos imóveis em Natal não possuem o Habite-se do Corpo de Bombeiros. Com o baixo efetivo, a tarefa de diminuir essa porcentagem é ainda mais complicada, pois são menos de 50 profissionais em todo o Estado

envolvidos no processo que vai desde o recebimento da documentação até a realização de vistorias e análises dos projetos. São 40 bombeiros para atender a Grande Natal, enquanto nos polos do interior – Caicó e Mossoró – existem menos de 10 pessoas trabalhando com a regularização de imóveis.

Das estratégias para promover algum tipo de controle sobre os estabelecimentos do Estado, o Corpo de Bombeiros realiza uma vez por ano a Fiscalização Preventiva Integrada (FPI), juntamente com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb), o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do RN (Crea) e o Ministério Público Estadual (MPE). A cada ano é escolhido um tipo de edificação para vistoria, como as casas de shows, fiscalizadas em 2013 após o incêndio da boate Kiss, que matou 242 pessoas e feriu outras 116 na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Com as ações desencadeadas, foram vistoriados 54 locais em todo o Estado, dos quais 17 estabelecimentos e eventos temporários foram interditados e 33 notificados. As principais infrações registradas foram atraso na atualização do Habite-se.



Tenente Gleidson alerta sobre a importância da vistoria



Prédio do Grande Hoetel, na Ribeira, utilizado pela Justiça Estadual

Passos de tartaruga

O Atestado de Vistoria do Corpo de Bombeiros é apenas um dos documentos exigidos pela Prefeitura de Natal para a liberação do seu Habite-se, necessário para qualquer tipo de imóvel, sem exceções, em caso de construção ou sempre que existir alguma reforma. O documento emitido pela Semurb tem caráter urbanístico e edilício, em que são avaliados fatores como acessibilidade, áreas comuns, vagas de garagem e calçada. O alvará de construção é concedido se tudo estiver de acordo com o projeto apresentado. O Habite-se é complementado pela Licença de Operação, renovável a cada quatro anos, que tem cunho ambiental. É o meio em que os técnicos avaliam se o imóvel dispõe dos mecanismos necessários para a operação de equipamentos como estação de tratamento de esgoto, sistema de drenagem, arborização e isolamento acústico.

Secretário-adjunto de Licenciamento e Fiscalização da Semurb, Daniel Nicolau afirma que a liberação do Habite-se demora de 30 a 90 dias, mas existem

processos em tramitação há dois e até seis anos por falta de documentos ainda não entregues pelos interessados. “Muitos empreendimentos em Natal ainda não possuem o Habite-se porque as construtoras não vieram deixar a documentação complementar. São informações essenciais, cada uma com uma razão de existir, e se não dispormos delas somos impedidos de prosseguir com os processos”, explica.

Enquanto isso, quem precisa do Habite-se sofre com a morosidade para a liberação do documento sem o qual é impossível escriturar o imóvel em cartório e conseguir financiamento bancário. Essa é a situação da agente de viagens Aurilene Freire, moradora de um condomínio na Ribeira entregue em outubro de 2013 e que até hoje não possui o Habite-se da prefeitura. “Já tenho carta de crédito aprovada, mas preciso desse documento para realizar o financiamento. É muito injusto pagar R\$ 1.690,00 em parcelas fixas à construtora enquanto o valor no banco baixaria para R\$ 1.379,00 com parcelas decrescentes”, protesta.

O processo administrativo do empreendimento tramita na Semurb desde o dia 19 de junho do ano passado e, após um ano, ainda não foi concluído. Uma das razões para a demora foi a greve que paralisou as atividades do órgão durante cinco meses no segundo semestre de 2013, além da mudança de endereço em março deste ano. “Só nos pedem paciência. O processo ficou parado durante um bom tempo e quem sente as consequências são os moradores”, lamenta Aurilene.

Na verdade, o condomínio não deveria sequer ter sido entregue sem o Habite-se, conforme alerta o advogado Alexandre Gadelha. Como prova, ele cita o artigo 38 do Código de Obras da cidade, cujo texto diz que “o imóvel, qualquer que seja a sua destinação, só pode ser habitado, ocupado ou utilizado após a expedição da Certidão de Características e do Habite-se”. Mas o que o consumidor pode fazer se o empreendimento for entregue antes disso? Segundo Alexandre, o cliente não é obrigado a receber as chaves e muito menos pagar o condomínio. “A legislação prevê penalidades tanto para a construtora como também para o proprietário que aceita utilizar uma edificação sem Habite-se. Portanto, é preciso ter cuidado ao adquirir um empreendimento, seja ele residencial ou comercial”, esclarece o advogado.



Fachada da Cidade da Criança



Advogado Alexandre Gadelha

Luz no fim do túnel

Há esperanças de que a aquisição do Habite-se seja mais ágil em breve. Isso porque o governo do Estado sinalizou a realização de concurso público para bombeiros até o mês de agosto. O processo para publicação do edital está em fase de tramitação e uma comissão cuida do trâmite. Atualmente, o efetivo conta com pouco mais de 650 bombeiros militares em todas as áreas, quando o ideal seriam 3.200 homens. A Semurb, por sua vez, irá implantar um sistema para modernizar o arquivamento de informações referentes aos lotes de terras da cidade, com todo o seu histórico de construções e documentações.

A ideia é informatizar o encaminhamento de documentos, carregados virtualmente pelo usuário, e assim diminuir a demanda de atendimento e evitar a perda ou o encaminhamento do processo físico para setores errados. O software, que integra o protocolo da Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Finanças (Sempla) com o sistema de fiscalização e georreferenciamento da Semurb, está instalado em todos os computadores e começará a ser utilizado após o treinamento dos servidores.

Foto: Elza Fiuza/ABr



O MINISTRO QUERIDINHO

Considerado no Rio Grande do Norte como o político teflon, a negatividade não o atinge, Garibaldi Alves Filho segue confirmando que política e gestão estão na sua estrada de desafios até então antiaderentes

Por **Camila Pimentel**, de Brasília



NOME FORTE NO CENÁRIO da política potiguar que ganhou projeção também na política nacional, Garibaldi Alves Filho é para o PMDB o degrau positivo do partido. É o ministro queridinho do governo Dilma Rousseff, que reproduz noticiário favorável mesmo no comando de um ministério com vários pontos nevrálgicos, o Ministério da Previdência Social. Também é o queridinho da chamada imprensa nacional, a partir da sua temporada como presidente do Senado Federal, entre 2007 e 2009. Atendia aos jornalistas sempre com muita atenção e, claro, suas hilárias tiradas. Não se incomodava, muito pelo contrário, de chegar para trabalhar pela porta da frente, onde sempre estava a postos uma fila de repórteres ávidos por notícias. Cotidiano de flashes e holofotes.

Cargo que ele, certamente, jamais queria deixar. Também gostava muito da residência oficial da presidência do Senado, uma ampla mansão localizada à beira do lago Paranoá, em uma das regiões mais nobres de Brasília, com vigilância 24 horas, grande área verde, piscina, quadra, refeições e mesa posta por um atencioso staff. Gostava de caminhar pela manhã cedo no calçadão ao redor do lago, onde se encontrava com a então poderosa ministra-chefe da Casa Civil, hoje sua chefe, Dilma Rousseff. Garibaldi concorda com o que um dia versejou o senador conterrâneo Agenor Nunes de Maria: “O céu precisa ser muito bom pra ser igual ao Senado”. Mas, diga-se, está bastante satisfeito no Ministério da Previdência, onde conta com eficiente equipe, alguns membros foram da sua equipe quando governador do RN.

A carreira na vida pública começou em 1966 – longínquos 48 anos -, quando foi nomeado Chefe do Gabinete Civil da Prefeitura de Natal, na gestão do tio Agnelo Alves. Foi o pontapé para um currículo de vitórias nas urnas. Primeiro para deputado estadual, depois prefeito da capital potiguar, senador, governador do Rio Grande do Norte, por duas vezes. No pleito de 2010, tornou-se o senador que somou mais de 1 milhão de votos.

FATOR PREVIDENCIÁRIO

Com a tranquilidade que lhe é peculiar, gentileza idem, Garibaldi Filho nos recebeu em seu gabinete do Ministério da Previdência para a entrevista de capa da Bzzz. Como um bom articulador, saiu-se pela tangente diante da primeira pergunta, a contar que o coloca em lado oposto ao primo Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados e candidato ao governo do Rio Grande do Norte pelo PMDB. Trata-se da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 555/2006, que reduz 20%, a cada ano, o fator previdenciário para aposentados e pensionistas, até sua completa extinção, após 65 anos de idade. PEC que tramita na Câmara.

No último mês de maio, Henrique Eduardo participou de uma audiência pública na Assembleia Legislativa do RN sobre o fim da contribuição previdenciária. Mostrou-se sensibilizado e pretendo apoiar a causa, mesmo sabendo que o colocasse em lado divergente ao do primo ministro da Previdência Social. Bom, a resposta de Garibaldi soou no tom formal: “Bem, o governo (Dilma) ainda não se reuniu para decidir o seu posicionamento”.

A segunda pergunta aliviou a tensão da primeira: a aprovação no Congresso Nacional, em 2012, da alteração do Regime de Previdência dos Servidores Públicos, que instituiu um teto para o pagamento das aposentadorias e criou a Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público (Funpresp). Com a aprovação da Funpresp, o benefício de valor igual ao último salário deixou de ser automático para os servidores nomeados a partir do dia 4 de fevereiro de 2013. Quando se aposentarem, receberão o mesmo teto pago para os empregados da iniciativa privada. Caso desejem, podem complementar a aposentadoria contribuindo para um fundo de pensão. Garibaldi avalia como um avanço que formará o leque do legado que deixará da sua gestão. Um feito seu, inclusive, reconhecido pela presidente Dilma.



“

Uma medida que diminuirá o déficit da Previdência Social”

Os regimes próprios dos servidores públicos tendem, em longo prazo, com a Funpresp, a ter uma redução significativa da necessidade de financiamento. Isto porque, agora, o governo pagará aposentadoria somente até o teto do Regime Geral de Previdência Social - RGPS (hoje de R\$ 4.159,00), e, para receber a mais, os servidores terão que contribuir com um plano de previdência complementar. “Uma medida que diminuirá o déficit da Previdência Social”, comemora o ministro.

NOVAS MEDIDAS

Das mudanças em estudo na Previdência, uma é a criação de novo sistema de pensões. Hoje, o segurado que pagar apenas uma contribuição pelo teto do, caso morra em seguida, deixará um benefício nesse valor para o resto da vida à viúva, independente da idade dela e da existência de filhos. Ao mesmo tempo, um trabalhador que contribuiu toda a vida deixará para a esposa um benefício cujo valor será a média de 80% das maiores contribuições.

Segundo dados da Previdência, o RGPS dos trabalhadores da iniciativa privada é superavitário nas regiões urbanas, e nas áreas rurais é subsidiado pelo Tesouro Nacional, como determina a Constituição Federal de 1988. O termo Superávit na Previdência não é comum, mas,

“

Eles estão aqui por que merecem estar, são competentes, não é apenas por amizade”

durante a entrevista, o ministro forneceu esses dados.

Para realizar ações energéticas no Ministério, Garibaldi Filho conta com uma equipe que trabalha com ele desde os tempos que governou o RN, como Lindolfo Sales - professor do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) -, atual presidente do INSS. À pergunta por que auxiliares de sua gestão como governador estão com ele no Ministério, respondeu enfático: “Eles estão aqui por que merecem estar, são competentes, não é apenas por amizade”.

PLEITOS FUTUROS

Sobre o seu futuro político, o ministro não titubeou, quer continuar no céu - lembrando Agenor Maria: “O natural é voltar para o Senado”. Se bem que, caso não continue no Ministério da Previdência a partir de 2015, Garibaldi tem mais quatro de mandato no Senado Federal. Mesmo com o seu nome preferido por políticos e eleitores para voltar a governar o RN, recusou qualquer disputa nas eleições de outubro vindouro. Se disputará novamente o Senado, quando o seu mandato terminar, foi comedido, como deve um político experiente: “Quem sabe...Não se programa com tanta antecedência”.

Com a nomeação de Garibaldi para o Ministério da Previdência Social, em 2011, primeiro ano do governo Dilma, o primeiro suplente Paulo Davim (PV) assumiu sua cadeira no Senado. Onde desempenha elogiado trabalho parlamentar da casa revisora. A relação entre os dois é cordial, garante Garibaldi, com a liberdade que a política de coalizão exige. “Paulo Davim tem toda liberdade nas votações do plenário, agora, quando é algo de interesse do Ministério, aí vou a ele como vou a qualquer outro senador. Mas, fora isso, confio e ele tem toda liberdade nas votações dos projetos no plenário”, assegurou.

“

Paulo Davim tem toda liberdade nas votações do plenário”



DESEJADO

Garibaldi já ocupou vários cargos públicos, do Executivo ao Legislativo, então, a pergunta que não poderia faltar: Qual o cargo que o senhor sente mais saudade? Dessa vez não seguiu à risca o desejo do céu como versejou um dia o saudoso senador Agenor Maria. “O cargo que eu menos sinto saudade é o de prefeito de Natal. Foi muito rápido, não deu para fazer uma gestão plena”.

Se o Senado é o céu, apenas os senadores podem responder, mas o ministro Garibaldi soube agradecer a gregos e troianos na sua passagem pela presidência da Casa. Além disso, conquistou a confiança da imprensa nacional “A primeira coisa que fazia quando chegava ao Senado era falar com os jornalistas. Eles estavam ali esperando por uma palavra e eu não via problema em não falar”, recorda.

“
O cargo que eu menos sinto saudade é o de prefeito de Natal”

O POLÍTICO BRINCALHÃO

Ao falar sobre sua relação com a imprensa, um fato inusitado veio à mente do ministro. “Uma vez eu estava concedendo entrevista para uma rádio e forneci o número do meu celular, ao vivo”. Já viu o resultado, seguidas foram as ligações. Garibaldi, aliás, é o rei das tiradas, de fatos inusitados e, por que não dizer, peripécias.

Quando governador do RN, estava ele na calçada da Casa de Saúde São Lucas, em Natal, conversando com parentes e amigos de um conhecido internado no hospital, e eis que toca o telefone do orelhão. Ele não contou duas vezes e atendeu. Quando a pessoa do outro lado perguntou quem era e ouviu Garibaldi – o governador? -, à afirmativa, veio a resposta do tipo “ah, tá, e aqui é a rainha da Inglaterra”. Risos, elementar, ecoaram.

Das muitas histórias para contar, uma dela aconteceu – reza a lenda – em uma dessas quermesses pelo interior do Estado. Garibaldi governador, bastante assediado, os assessores tentavam deixar o caminho livre para ele circular e acenar. Em uma grande mesa, um que tinha bebido além da conta



No Ministério da Previdência, festa surpresa dos funcionários com presença da mulher, filhos e do pai, o senador Garibaldi Alves



Com a esposa Denise e o filho Walter Alves, a nora Carol e o neto Luís Eduardo, no casamento do filho Bruno Alves e Patrícia Amaral

apostou que iria buscar o governador até à mesa para cumprimentar os amigos. Todos riram e duvidaram. Na maior dificuldade, o “bebinho” insistiu, insistiu, os assessores driblavam...até que Garibaldi o viu, chamo-o e perguntou o que queria. Ao falar da aposta, o então governador voltou todo o caminho no meio da multidão. Ao chegar próximo à mesa, onde todos olhavam incrédulos, Garibaldi apontou e brincou: “Ihhh, perderam a aposta!”.

A ÚNICA DERROTA

Como a roda da política gira tal e qual à roda gigante, um dia o político está por cima, não muito distante pode ficar por baixo. Em 2006, Garibaldi amargou sua primeira derrota na vida pública. Entrou para a disputa como um governador de férias. Mas, fato marcante na história da política potiguar, a então governadora Wilma de Faria quebrou todos os cenários que davam como certa e vitória do peemedebista e foi reeleita. Desde então ficou perceptível que Wilma era uma adversária que reunia todos os motivos de um alfabeto completo.

É. Mas, como já diz a velha frase atribuída ao ex-banqueiro Magalhães Pinto, considerado em vida a raposa política mineira, “Política é como nuvem. Você olha e ela esta de um jeito, olha de novo e ela já mudou”. Ao ser indagado sobre o palanque em que subirá nestas eleições no apoio à Wilma para o Senado, numa dobradinha com Henrique Alves para o governo, Garibaldi admite que política não se faz com mágoas. A contar que na roda gigante Garibaldi foi reeleito senador com mais de 1 milhão de votos e Wilma saiu derrotada. O jogo pode ter zerado.



Wilma de Faria venceu as eleições em 2006

TAMBÉM BOM DE VOTO

Garibaldi Filho tem um herdeiro político. É o filho Walter Alves, deputado estadual que desempenha um trabalho considerado bom na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Tanto que lhe rendeu, pela escolha de jornalistas que cobrem a Casa, o prêmio de Parlamentar do Ano de 2012. Nestas eleições, Waltinho, como é mais conhecido pelos amigos e eleitores, vai dar um salto mais largo e disputará a cadeira que o primo Henrique Eduardo deixará na Câmara Federal.

Muito se comentou e se articulou para que Walter fosse o candidato a governador nas urnas de outubro deste ano. Se ele será candidato à sucessão do próximo governador, Garibaldi deixa dúvidas o ar: “Ahh... não sei...”, respondeu o ministro. O certo é que Walter estuda para um futuro administrador, com cursos na área de gestão pública pela Fundação Getúlio Vargas e curso particular de inglês, em casa, nas horas em que não está na atividade parlamentar e de candidato.

DIA DE FÚRIA?

Garibaldi é conhecido pela sua extrema tranquilidade, seja como marido, como pai, filho, irmão, amigo, político. O sorriso e as piadas prontas são suas marcas registradas. À pergunta se já teve algum teve um ataque de fúria, resposta rápida: “Não me lembro de nenhum”.

A esposa Denise Pereira Alves também não se lembrar de um momento de fúria do marido. Como pai, sequer apartava qualquer discussão entre os ir-

mãos Walter e Bruno Alves, quando garotos. Ao perceber qualquer desentendimento dos garotos, logo chamava pela mulher: “Chega, Denise, que os meninos estão brigando”.

Ela sempre resolvia o assunto, até que um dia ficou brava: “Resolva você, ora, que é o pai. Levante sua voz!”. E lá teve Garibaldi que levantar o volume: “Meninos, parem com isso já!”. Se o obedeceram? Ah, isso é uma outra história, para uma outra entrevista.

Foto: Antônio Cruz/ABr



Governadora Rosalba Ciarlini

E ROSALBA?

Nas eleições passadas para o governo, Garibaldi Filho apoiou a eleição vitoriosa da democrata Rosalba Ciarlini, a única candidata do DEM a vencer para um governo estadual no Brasil. No início, participou do seu governo com indicações para secretárias e autarquias. Mas, o desgaste de ações que não vingavam, por vários empecilhos de ordens que emanavam da Governadoria, resultou na saída do PMDB do governo, que hoje tem candidato próprio no Estado.

Sobre o comando de Rosalba, o ministro repetiu uma frase polêmica durante todo o governo: “Ela não pode abrir mão de governar, tem que ser sem interferência de qualquer familiar”. Referiu-se, mesmo que indiretamente, às interferências do marido da governadora, Carlos Augusto Rosado, secretário-chefe do Gabinete Civil. Segundo comentam-se, as decisões tomadas por Carlos Augusto se sobressaem às de Rosalba, prejudicando as ações que possibilitem desenvolvimento. Político e de gestão.

“

Ela não pode abrir mão de governar, tem que ser sem interferência de qualquer familiar”



RELAÇÃO COM DILMA

As conversas de bastidores afirmam que o ministro Garibaldi Filho figura entre os ministros queridinhos de Dilma Rousseff, mas isso não significa que a presidente rasga elogios para o auxiliar, uma vez que é conhecida pelo seu estilo reservado e durão. “Uma vez eu perguntei ao Gilberto Carvalho (ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República) por que a presidente não me ligava, e ele foi enfático ao afirmar que ela só ligava para dar carão. Então, se ela não me ligava, eu tinha que ficar feliz. Aí, fiquei mais tranquilo”, confessa.

O ministro encerrou a entrevista afirmando que não nunca guardou uma frase das entrevistas que concedeu. “Sempre falo o que penso, prezando sempre pela verdade. Não sou do tipo de guardar minha opinião, eu falo mesmo”, assinalou.

“

Uma vez eu perguntei ao Gilberto Carvalho por que a presidente não me ligava, e ele foi enfático ao afirmar que ela só ligava para dar carão. Então, se ela não me ligava, eu tinha que ficar feliz”

CENTENÁRIO MAIS QUERIDO

O Baile Preto&Branco deu o pontapé para a celebração dos 100 anos do ABC Futebol Clube, de Natal, e marcou a retomada das atividades sociais do clube, que se prepara para conquistar uma vaga na Série A do Campeonato Brasileiro

Por Geraldo Miranda
Fotos Arquivo



PRIMEIRO CLUBE DE FUTEBOL do Rio Grande do Norte, o ABC vai completar 100 anos no dia 29 de junho de 2015. Data que já começou a ser festejada, justamente no aniversário de 99 anos, com o Baile Preto & Branco, no último dia 27, no Olimpo Recepções, que reuniu a ala jovem e veteranos, dando início à retomada das glamorosas atividades sociais de outrora. No dia 29, a festa foi para torcedores e familiares, intitulada Festa da Família Alvinegra, com ato ecumênico e grande churrasco, no Estádio Lamas Farache, o Frasqueirão. A ordem é fazer das comemorações a grandiosidade que o time requer. Assim, foi criada a Comissão do Centenário, composta pelos conselheiros Antônio Gentil, Augusto Azevedo e Rogério Marinho, que não estão medindo esforços para pomposos acontecimentos.

Tudo começou na tarde do dia 29 de junho de 1915, quando um grupo de jovens da elite da capital potiguar, adeptos ao esporte da moda, o remo, reunidos no casarão do coronel Avelino Alves Freire, influente comerciante e presidente da Associação Comercial do RN, na Av. Rio Branco, centro da cidade, resolveu fundar o ABC. Sacramentado, João Emílio Freire, filho do coronel, foi eleito por unanimidade o primeiro presidente do clube, e o outro filho, Avelino Filho, conhecido como Lili, o primeiro goleiro. A sugestão do nome partiu de José Potiguar Pinheiro, também aprovada por todos os integrantes. As letras eram uma homenagem ao pacto da amizade, com base no Pacto do ABC, o acordo político-econômico entre a Argentina, Brasil e Chile, assinado em 15 de maio de 1915 para formar a cooperação exterior a não agressão e arbitragem. João Emílio escolheu preto e branco como as cores oficiais do clube.

Até o dia 3 de junho de 1916, a primeira diretoria foi composta por João Emílio Freire (presidente), José Potiguar Pinheiro (vice-presidente), Manoel Dantas Moura (1º secretário), Solón Rufino Aranha (2º secretário), Avelino Freire Filho (tesoureiro), José

dos Santos (diretor de Esportes). Na sua primeira partida, em 20 de setembro de 1915, conquistou uma senhora goleada de 13 a 1 contra o Natal Esporte Clube. Contra o arquirrival América, outra goleada, 4 a 0 para o clube do povo. Nesses 99 anos, o ABC é a equipe brasileira com o maior número de títulos estaduais conquistados, 52 ao todo, e recordista de conquistas estaduais consecutivas (10 seguidas), junto do decacampeão América Mineiro, com os títulos entre os anos de 1932 e 1941. O alvinegro ocupa hoje a 29ª posição do ranking da CBF, com 4.876 pontos à frente do América de Natal, além da liderança entre os potiguares no ranking estadual e de torcidas. Atualmente é o único clube do Estado que possui estádio próprio, inaugurado em janeiro de 2006.

Com o passar dos anos, na “Era Juvenal Lamar-tine”, os jogos aconteciam no antigo estádio do Tírol, onde a torcida alvinegra assistia às partidas de pé, em uma faixa de terreno entre o muro e o alambrado, cercado de arame, sem proteção alguma contra o sol e a chuva, enquanto a torcida do clube rival com maior poder aquisitivo assistia aos jogos de uma arquibancada coberta, numa posição privilegiada, com toda visão do gramado e demais áreas do estádio. Assim começaram a chamar a torcida do ABC de “Frasqueira”, em uma alusão depreciativa e humilhante, parecendo frascos encaixotados. No entanto, o apelido colou e hoje é motivo de orgulho entre os torcedores, que fazem questão de carregar o nome passando a ser o 12º jogador, empurrando o time a cada partida e apelidando o próprio estádio de “Frasqueirão”, em homenagem a estes torcedores. Já o hino mais cantado pela torcida foi composto pelo famoso compositor potiguar Claudiomiro Batista de Oliveira, conhecido como “Dozinho” (1927-2014), com a ajuda dos abecedistas José Cortez Pereira e Aldo Medeiros, em 1962. O frevo-canção “O Mais Querido” se tornou a preferida dos torcedores, cantado sempre a plenos pulmões pela torcida que adotou a música como hino oficial do clube.



Foto: Canindé Soares

Batendo no peito

Outra história de amor incondicional ao clube foi marcada pelo casal Vicente Farache Netto e Maria do Rosário Lamas Farache, durante 15 anos o apoio do clube alvinegro. Vicente Farache foi um ex-jogador do time que conseguiu o primeiro título estadual do clube e chegou à presidência. Já sua esposa cuidava dos jogadores como filhos, casa, comida e vestuário eram algumas das atribuições da primeira-dama alvinegra. Já o mandatário alvinegro com sua política “assistencialista” bancava as contratações, dispensas, treinava o time, pagava os salários, além de empregar jogadores nas suas lojas de sapatos e tecidos, e de hospedar e alimentar os atletas em dias de jogos. Também, comprar o material de treino e de jogo.

Vicente Farache contou com a ajuda dos seus quatro irmãos, com destaque para Antônio, conhecido como “Tonho Farache”, que com o seu antigo Ford transportava os jogadores para os jogos e treinos. Como diretor técnico, Vicente Farache conquistou o decampeonato potiguar, de 1932 a 1941, e foi responsável pela chegada de grandes destaques para o clube. Esse amor foi levado de geração em geração, que até hoje participam ativamente das decisões do clube.

Ex-presidente do clube, Judas Tadeu Gurgel foi um dos responsáveis pelo o que a torcida considera a mais importante posse do clube, o estádio Maria Lamas Farache, o “Frasqueirão”. Construção realizada após a cessão de uma parte do terreno de 3,5 hecta-

Hino: “O Mais Querido”



Composição: Claudiomiro B. de Oliveira (Dozinho)

ABC clube do povo
Campeão das multidões
Serás sempre o mais querido
Pelos nossos corações

Eu me orgulho ser da terra potiguar
Quando vou para o gramado
Ver o ABC jogar

É bola pra aqui
É bola pra lá
A turma joga com classe
E com raça pra ganhar
O adversário fica no campo perdido
Salve, o mais querido

Salve, o mais querido
Salve, o mais querido
Salve, o mais querido
(1971, 1978, 1983, 1984, 1990, 2010 e 2012)

Títulos do Clube:



Campeonato Potiguar: 52

(1920, 1921, 1923, 1925, 1926, 1928, 1929, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1944, 1945, 1947, 1950, 1953, 1954, 1955, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1965, 1966, 1970, 1971, 1972, 1973, 1976, 1978, 1983, 1984, 1990, 1993, 1994, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2005, 2007, 2008, 2010, 2011)

Rio Grande do Norte - Torneio Início: 34

(1927, 1928, 1930, 1931, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1946, 1950, 1951, 1954, 1957, 1958, 1960, 1962, 1963, 1965, 1967, 1973, 1978, 1980, 1983, 1990, 1992, 1993, 1994 e 1998)

Copa RN: 3

(2005, 2008 e 2011)

Taça Cidade do Natal: 7

(1971, 1978, 1983, 1984, 1990, 2010 e 2012)



Vista aérea do Frasqueirão



Estádio Dr. João Cláudio Vasconcelos Machado (Machadão)

res à construtora Ecocil, que primeiramente fez dois módulos, em seguida foi realizada outra permuta, de duas áreas, para a montagem de mais dois módulos, concretizando assim um velho sonho dos torcedores, que pediam para ter sua própria casa.

Contam os abecedistas que Judas Tadeu marcou sua administração por conduzir de perto todos os setores do clube com mão de ferro. Participava das negociações de jogadores e do acerto das finanças, dentre outros. Ficou conhecido pelo forte temperamento e pela paixão sem limites pelo clube. Hoje, Judas Tadeu é reverenciado por vários torcedores que pedem a sua volta à presidência do clube. Porém, o ex-presidente já adiantou que o momento não é de falar sobre eleições, mas de fortalecer a união da diretoria para que o clube possa crescer cada vez mais dentro e fora das quatro linhas.

“Meu amor pelo ABC é uma coisa incalculável, atrás apenas da minha família. É uma paixão que nunca acaba e pra mim foi um grande orgulho gerir o maior clube de futebol deste Estado. Tenho vontade, sim, de voltar a ser presidente, mas respeito a atual gestão, à qual faço parte, e estou aqui para ajudar a solucionar os problemas, não trazer novos”, afirma.

Dentro do gramado

Na quinta colocação da Série B do Campeonato Brasileiro com 17 pontos, o ABC segue batalhando por sua obsessão, que é o acesso à Série A. Para isso, a diretoria do clube vem buscando novos reforços ao forte elenco que repatriou o atacante Rodrigo Silva e está em negociação com mais três nomes, que não foram divulgados para não interferir nas tratativas, segundo o presidente em exercício, José Wilson Gomes Netto.

“A necessidade de um elenco forte surgiu após o Campeonato Estadual, o qual passamos em branco nos dois turnos nos obrigou a investir forte no Campeonato Brasileiro. Além do Rodrigo Silva, nós estamos negociando com quatro atletas de ponta para buscar o título da Série B”.



O PROBLEMA NÃO É O POSTO, É O IMPOSTO

O preço dos combustíveis praticado no Brasil é motivo de sucessivas reclamações. Expectativas temerosas de novos aumentos, os donos de postos de combustíveis são os alvos preferenciais de protestos e denúncias de formação de cartel. Eles se defendem que a culpa é da alta carga tributária

Por Heitor Gregório

O BRASIL É AUTOSSUFICIENTE em Petróleo, mas a gasolina é uma das mais caras do mundo. A última das reservas brasileiras descobertas foi a camada do pré-sal, que se encontra a aproximadamente sete mil metros de profundidade. As estimativas apontam que os poços nessa profundidade serão capazes de dobrar o volume de produção de gasolina, óleo e gás combustível do Brasil.

Com essa fartura em uma riqueza natural tão preciosa, esperava-se que o preço dos combustíveis no país fosse barato, mas, ao contrário, segue alto. Em comparação com os Estados Unidos, estão 80% acima dos praticados nas terras de Barack Obama. No Rio Grande do Norte, considerado o maior produtor de Petróleo em terra do Brasil, tem-se a gasolina mais cara do Nordeste. Mas, o que acontece?



Por falta de condições, apenas quatro postos participaram do Dia da Liberdade de Impostos



Jean-Paul Prates

Foto: Heitor Gregório

Presidente do Sindicato, Antônio Cardoso Sales explica que a gasolina do Estado é comprada mais cara, por isso é vendida mais cara. “O que a sociedade deve entender é que o dono de posto é apenas um revendedor. Nós não produzimos o combustível, nós não manipulamos, nós não geramos nenhuma fórmula diferente da que vem da companhia, nós temos apenas nossa margem de lucro, que hoje no Rio Grande do Norte tem uma média de 12%”.

Para mostrar à sociedade que o alto preço não é culpa dos empresários, mas sim dos impostos, criou-se em 2007 o Dia da Liberdade de Impostos, uma forma também de protestar contra a alta carga tributária brasileira. A sétima edição aconteceu em maio último, com a gasolina vendida 50% abaixo do valor. Em Natal e Mossoró, quatro estabelecimentos aderiram à campanha endossada pelo Sindicato do Comércio Varejista dos Derivados de Petróleo do RN (Sindipostos), em parceria com a Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL). Foram intermináveis filas nos postos de combustíveis.

Além dos altos impostos, os empresários destacam outros dois insustentáveis problemas para o setor: insegurança e descrédito. “Igualmente ao cidadão potiguar, os donos de postos de combustíveis sofrem pela falta de Segurança Pública em nosso Estado, além do descrédito por parte da sociedade conosco. As pessoas precisam entender que somos pessoas de bem e precisam nos enxergar dessa forma”, alerta Antônio Sales. Afirma que no Rio Grande do Norte a semelhança no

preço do combustível não pode ser considerada cartel. “Nós somos um mercado pequeno, e combustível é diferente de qualquer outro produto. Se um posto próximo ao meu vende uma gasolina mais barata, tenho que aproximar o preço para garantir a minha revenda. Isso é um jogo devido a grande concorrência”, considera.

Petróleo versus preços

Ex-secretário de Energia do RN, com especialização em Economia e Regulação de Petróleo, Gás e Energia pelo Instituto Francês do Petróleo (Paris), o empresário e consultor Jean-Paul Prates reforça que o alto preço do combustível não é culpa dos empresários. “No Brasil, dois terços do preço da gasolina que pagamos é imposto, por isso nosso combustível é caro e a sociedade deve entender que a culpa não é dos donos de postos”.

Na assertiva de que combustível é fundamental para a economia de qualquer lugar do mundo, Jean-Paul chama a atenção para o detalhe de que “vender combustível é um negócio complexo, muito fiscalizado e caro”. Exemplifica: “Qualquer tipo de combustível (diesel, gasolina, álcool, etc.) está na nossa vida o tempo todo. Todo transporte do mundo depende do mercado de combustível. Se o mercado de combustível está alto, tudo que depende dele é inflacionado, o impacto na economia é direto”. Taxativo: “O preço do combustível sobe quando sua matéria prima – o petróleo – sobe”.



NEGLIGÊNCIA OU FATALIDADE?

Com mais de 40 mil trabalhadores empregados, o setor da construção civil ainda está entre os que mais provocam acidentes

Por Juliana Manzano

Fotos: Sara Wollermann

CHOQUE ELÉTRICO, QUEDA DE altura e soterramento. Os três podem até parecer simples de serem evitados, mas ainda são os ‘campeões’ entre as principais causas de acidentes em obras da construção civil. Mas, o que fazer para prevenir o tão falado acidente de trabalho? Será que as medidas aconselhadas a uma dona de casa para a realização de uma pequena reforma são semelhantes às de uma construtora para erguer um edifício?

A construção civil continua no rol dos setores que mais empregam no Rio Grande do Norte. De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregos e Desempregados (Caged), apenas em janeiro de 2014 o segmento ofertou 1.227 novos postos de trabalho. Mensalmente, a média de trabalhadores empregados no setor gira em torno dos 40 mil em todo o Estado. Em um canteiro de obras estão distribuídas cerca de 24 diferentes funções, entre

elas mestre de obra, engenheiro civil, pedreiro, pintor, soldador, azulejista e gesso. Com tantos seres humanos trabalhando em um local com risco iminente, o cuidado com a segurança precisa ser dobrado.

Recentemente, em um intervalo de dois dias, foram registrados três acidentes graves em obras na capital potiguar. Em um deles, o operário caiu

do andaime que estava no 25º andar. No outro, um pedestre foi atingido por uma barra de ferro, e no terceiro, um trabalhador foi soterrado durante escavação. Para apurar os motivos dos três, o Ministério Público do Trabalho instaurou inquérito civil.

A procuradora regional do Trabalho, Ileana Neiva, explica que toda empresa tem a obrigação de adotar medidas preventivas previstas em norma de saúde e segurança específica para a construção civil, mais conhecida como Norma Regulamentadora nº 18 ou apenas NR 18, que determina como deve ser o canteiro de obras, a segurança nas escavações, no trabalho em altura superior a dois metros e no trabalho em espaços confinados como para conserto de tubulação. Além do NR 18, também existem outras normas específicas, a exemplo da que aborda o trabalho em altura (NR 35) e de trabalho em espaços confinados (NR 33).

“Em cada obra há riscos variados e o programa de segurança deve prever todos os riscos e as medidas de segurança a serem adotadas. A construção civil é uma atividade de risco, o que exige das empresas o esforço e o compromisso de adotar todas as normas técnicas que o atual estágio de progresso científico coloca à disposição da segurança no trabalho. Em nosso Estado, este setor, segundo dados do INSS, ainda está entre os setores que mais acidentam trabalhadores, ao lado da área têxtil, hospitais, transportes e supermercados”, informa a procuradora.

“

Quem constrói com negligência, a ponto de acidentar seus trabalhadores, está construindo com um bom padrão de qualidade?”

- Ileana Neiva

Engana-se quem pensa que basta fornecer os equipamentos de proteção individual para resolver o problema. A importância deles é indiscutível, mas em se tratando de obra, os EPIs se tornam complementares, pois as medidas de proteção coletiva são as mais necessárias. “Antes de pensar em usar um capacete, deve-se pensar em instalar uma proteção contra queda de materiais. Antes de pensar no uso de um cinto de segu-

rança, devemos pensar em uma barreira que evite a queda do trabalhador. Antes de pensar em utilizar uma máscara, devemos pensar em um meio de retirar o contaminante do ambiente”, exemplifica o auditor fiscal do Trabalho Carlos Pereira, que também atua como coordenador do Projeto da Indústria da Construção da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Rio Grande do Norte (SRTE/RN), e é professor do Curso Técnico de Segurança do Trabalho do IFRN.



EPIs são indispensáveis no trabalho. Operário em obra da Cyrela Plano & Plano



Custo de prevenção de acidentes é menor que ações trabalhistas

Segundo Ileana Neiva, apesar da discussão sobre a importância da segurança do trabalho ser comum, ainda há empresas que, ao invés de adotar as medidas preventivas, gastam tempo e esforços políticos tentando derrubar tais normas, com alegações de índole financeira. “Esquecem que prevenir o acidente de trabalho evita custos maiores quando o acidente ocorre, como custos decorrentes de ações trabalhistas, individuais e coletivas, das ações regressivas do INSS e danos à própria imagem da empresa. Afinal, o consumidor se pergunta: quem constrói com tanta negligência, a ponto de acidentar seus trabalhadores, está construindo com um bom padrão de qualidade? A conclusão pode ser a de que quem negligencia em segurança, para evitar custos, certamente também economiza na qualidade dos materiais empregados na obra”, pontua.

Para evitar as condenações da Justiça do Trabalho e da Justiça Federal, algumas empresas tentam colocar a culpa do acidente no trabalhador, afirma

Ileana. “No entanto, a legislação é muito clara, a empresa assume os riscos da atividade econômica. E se um dos riscos é o de acidente, tem que adotar todas as medidas possíveis para evitá-lo, ainda que isso seja caro. Culpar o empregado pelo acidente é a mesma coisa que responsabilizar o vento e não exime a empresa. Acidente não é evento imprevisível, é resultado de uma série de erros antecedentes ao evento e esses erros sempre podem ser evitados. Quanto maior o risco da atividade, maiores as medidas de segurança a serem adotadas”, diz a procuradora.

Na construção civil, modernamente, as construções são feitas com partes de concretos que são fabricadas em um local e transportadas e montadas em outro. É como se fosse um grande ‘lego’ (jogo de montar). Trabalha-se, portanto, com içamento de peças pesadas, sendo importante evacuar o local durante os trabalhos.

Ileana Neiva lembra que na construção do estádio Arena das Dunas os auditores fiscais do trabalho

exigiram, além da evacuação da área, que um sinal sonoro indicasse a todos que não poderiam se aproximar da área de montagem durante a operação de içamento. “Sem essa medida, corria-se o risco de um trabalhador entrar numa área proibida e se uma peça caísse, o esmagaria. Ora, se isso houvesse ocorrido, sem que a empresa tivesse sinalizado a área de ingresso proibida, inclusive com sinal sonoro, o acidente seria culpa da empresa porque é dela o dever era o de sinalizar as áreas de risco e de fiscalizar para que pessoas não autorizadas nela não ingressassem”.

No caso de um acidente vir a acontecer, a empresa deve prestar os primeiros socorros, uma vez que a NR 07 determina que todo estabelecimento deve estar equipado com material necessário à prestação de primeiros socorros e com pessoa treinada para esse fim. Já a NR 35 determina que os trabalhadores que realizam trabalhos em altura devem ser treinados

para condutas em situações de emergência, incluindo noções de técnicas de resgate e de primeiros socorros. Se o acidente for fatal, a empresa deve isolar o local e comunicar o acidente à autoridade policial e à SRTE.

Carlos Pereira ressalta que todo empregado da construção deve, no ato da admissão e antes de iniciar suas atividades no canteiro de obras, passar por um treinamento sobre segurança do trabalho com carga horária mínima de seis horas. A empresa ainda deve elaborar ordens de serviço sobre segurança do trabalho informando sobre as obrigações e proibições que os trabalhadores devam conhecer e cumprir. “Caso o trabalhador não cumpra as determinações da empresa no que se refere à segurança e saúde, poderá sofrer sanções que variam desde uma simples advertência até suspensão e demissão por justa causa”, afirma o auditor.



Trabalhadores devem receber noções de resgate e treinamento de primeiros socorros. Operário em obra da Cyrela



Foto: Francisco José de Oliveira

Obras que seguem os padrões exigidos para segurança em construção civil

Desafio de educar

Na construção civil, todo canteiro de obras acima de 20 empregados está obrigado a elaborar e executar um Programa de Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção Civil, o chamado PCMAT. Este é um programa que visa planejar ações de segurança a partir da identificação dos riscos de acidentes em cada fase da obra. A variação das características de cada canteiro de obras é o principal motivo para a necessidade deste programa.

Para a vice-presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do RN (Sinduscon), Larissa Dantas Gentile, as empresas têm se preocupado cada vez mais em oferecer segurança aos seus funcionários. “Toda empresa tem que seguir as regras. Se não seguir, o órgão fiscalizador chega lá e multa. E muito mais do que isso. Quando tratamos de segurança, temos que ter em mente que estamos mexendo com algo que é o mais preciso para a empresa: as vidas humanas”, diz, esclarecendo que todo trabalhador, para ser admitido, precisa passar por um treinamento específico para a função a ser exercida.

“

O maior desafio para a construção civil atualmente é educar o trabalhador”

- Larissa Gentile

Atualmente, a Cyrela Plano & Plano está com duas obras em Natal, empregando em torno de 480 pessoas. Com cinco anos no mercado imobiliário potiguar, a empresa chegou a ter, em determinado momento, seis obras ativas simultaneamente, o que resultou em mais de 1,2 mil empregos diretos e indiretos. De acordo com a gerente geral da empresa, Renée Silveira, cada obra possui um técnico em segurança do trabalho residente responsável pela atuação.

O trabalho tem que ser tratado de forma preventiva, assegura Renée. “Quando o acidente acontece, só resta socorrer e lamentar. Então, além do técnico em cada obra, nós contamos com uma assessoria de prevenção terceirizada que vai até a obra e elabora o PCMAT de acordo com os riscos da obra para cada função. Este relatório é seguido de forma bastante rígida e fiscalizado pelo nosso técnico de segurança. Uma vez por semana essa empresa vai ao canteiro para fazer uma espécie de auditoria e mensalmente o engenheiro do trabalho também faz a fiscalização”, explica.

Se ainda existe uma tecla que precisa ser muito batida é, segundo Larissa Gentile, a educação do trabalhador. “Esta é uma das vertentes que nós mais nos preocupamos porque todo o treinamento é dado, mas ainda existem registros de acidentes como o de um trabalhador que coloca a cabeça no tubo para ver se o elevador está vindo. Em se tratando deste exemplo, por que isso pode acontecer? Porque às vezes esse trabalhador vem do interior e nunca viu um elevador na vida. Então, o treinamento precisa ser enfatizado para minimizar casos porque é um trabalho conjunto. A empresa tem sua responsabilidade, mas de nada adianta se o colaborador também não fizer a dele. Por isso, o maior desafio para a construção civil atualmente é educar o trabalhador”.

“

Nenhum funcionário nosso entra em obra sem passar por um curso de conscientização”
- Renée Silveira

Opinião semelhante é a de Renée Silveira, ao dizer que a conscientização também é uma vertente importante para minimizar os riscos. “Nenhum funcionário nosso entra em obra sem passar por um curso de conscientização de seis horas. Nele nós explicamos tudo que envolve o acidente de trabalho, o que é um EPI, como e por que utilizar. Ele só começa a trabalhar após o treinamento. Fazemos ainda um Diário de Segurança do Trabalho, em que uma hora por semana os funcionários são reunidos para tratar do assunto novamente, e anualmente fazemos a Semana da Segurança do Trabalho. Nós somos responsáveis por conscientizar e fiscalizar a utilização dos equipamentos porque a obra é um ambiente de risco e o trabalhador precisa entender que aquele equipamento pode salvar a vida dele”, ressalta a gerente, lembrando que o mau uso dos equipamentos pode, dependendo do caso, resultar até em demissão.



Se não sabia, fique sabendo

É adotar medidas para prevenir os acidentes e doenças do trabalho através das ações fiscais para cumprimento das normas regulamentadoras sobre segurança e saúde, realizando inspeções nos ambientes de trabalho, incluindo os canteiros de obras. A notificação para cumprimento das irregularidades, estipulando prazos e a autuação - quando necessária - é o instrumento utilizado.

No caso de situações de grave iminente risco, ou seja, nas situações em que se põe em risco a vida do trabalhador, a medida adotada é o embargo da obra, a interdição do setor ou da máquina. Quando ocorre um acidente de trabalho grave ou fatal é realizada investigação objetivando apurar as causas que contribuíram para sua ocorrência. O laudo de investigação é encaminhado à procuradoria do INSS para possíveis ações regressivas e para o acidentado ou sua família para processos de indenização junto à Justiça do Trabalho.

É importante salientar que a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Rio Grande do Norte - SRTE/RN possui um projeto de fiscalização específico para indústria da construção no qual são planejadas ações para todo Estado.

PRA LÁ DE MARRAKESH

Uma das cidades mais famosas do mundo preserva com vigor suas tradições e proporciona aos visitantes uma incrível experiência cultural

Por Octávio Santiago, de Marrakesh



A Praça Djemaa el-Fna fica ainda mais animada à noite

QUANDO CAETANO VELOSO COMPÔS “Qualquer Coisa”, chegar a Marrakesh realmente não era tão fácil quanto é hoje. Pela TAP Portugal, é possível sair de Natal e desembarcar no Marrocos fazendo uma única conexão, em Lisboa. As promoções da companhia aérea portuguesa para os grandes destinos europeus também contemplam o país africano que foi cenário da novela “O Clone”, da Rede Globo, folhetim responsável por tonar a cultura marroquina bastante popular pelas bandas de cá. Companhias low cost, como a easyJet, também partem de vários pontos do Velho Continente para lá e com o aumento da oferta, os preços tendem a ficar ainda melhores. Inshallah!

A história de Jade tem sua parcela de culpa, mas o fato é que o Marrocos e Marrakesh, em especial, chamavam-me. Reunidas as condições para ir, era hora de me lançar nesta aventura. A chegada, é verdade, não foi muito receptiva, sem aquele caloroso “salamaleico”. É que, ao declarar na migração que era jornalista, fui submetido a questionamentos extras e meu passaporte ganhou uma anotação diferenciada. Mais tarde, no hotel, um senhor fardado, que já havia sido informado sobre a minha formação, tentava educadamente descobrir quais eram as reais intenções da minha visita. Tive de convencer que estas letras agora impressas jamais seriam escritas.



Riads são opções de hospedagem em plena Medina...

Na cidade, há duas opções de hospedagem: um dos hotéis horizontais que ficam nos arredores do centro antigo, a chamada Medina, ou bem no meio dela, em um riad. Foi esta a minha opção e a qual recomendo. Os riads são verdadeiros palacetes que constituem os lares tradicionais marroquinos, hoje adaptados para receber turistas e cuja maior característica é o fato de serem estruturados em volta de um pátio central com um jardim e muito mármore. Era assim o Palais des Princesses. Por fora, como toda a cidade, nada mais que um muro ocre. Sim, Marrakesh é totalmente ocre. Porém, por dentro, a sensação de estar hospedado na casa do Tio Ali, com todo o conforto, serviço e café da manhã dos hotéis mais caprichosos. As diárias são a partir de R\$ 180.

A primeira parada da “cidade vermelha” é a praça Djemaa el-Fna. Lá, encantadores de serpentes, adestradores de macacos, dançarinos, acrobatas, vendedores de especiarias, roupas e objetos de prata – de dentaduras também – e fazedores de sucos de laranja dividem o mesmo espaço. Tudo junto. A propósito, as laranjas marroquinas fazem jus à fama internacional e os sucos destas barracas são uma atração à parte. A música local e os chamados para oração das mesquitas ajudam a compor a atmosfera e nos dar a certeza de estarmos em Marrakesh. À noite, a praça fica ainda mais interessante. Os comerciantes se multiplicam e barracas com alimentos são montadas, fazendo o lugar desaparecer lentamente sob a fumaça que saem das grandes panelas.



...verdadeiros palacetes adaptados para o turismo



Especiarias dão mais cor aos mercados e perfumam suas vias

Na praça, estão algumas das entradas dos souks, verdadeiros labirintos de lojas, onde é possível encontrar o que se procura e o que não se imagina. Tapetes, carnes, maquiagem, peças de cerâmica, ervas, sapatos e – por que não? – patas de camelo. Os preços variam a cada minuto e dependem da capacidade de negociação do cliente. Nada é tabelado. A boa notícia é que um real equivale a mais de três dirhams, a moeda local. Outro ponto positivo está no fato dos marroquinos quererem vender a todo custo, mesmo que para isso tenham que falar gírias brasileiras ou lhe oferecer assento e um copo de chá de hortelã. Os produtos se amontoam nos corredores estreitos, por onde passam muitos turistas e os próprios nativos, mulheres arrastando o sári e comerciantes apressados a pé, de carroça ou de moto, em alta velocidade. Quanto mais trocado o dinheiro estiver, maior pode ser a barganha na hora da compra.



Os labirintos dos souks, onde se acha o que há de mais típico



Macacos adestrados dão as boas-vindas aos turistas



Mesquita Koutoubia: cartão postal da “cidade vermelha”

Marrakesh também exhibe extraordinária arquitetura islâmica e muito respeito a antigas tradições. Toda a Medina está rodeada por 16 quilômetros de muralhas. O minarete da Mesquita Koutoubia é um dos monumentos mais conhecidos da cidade. As ruínas do Palais el-Badi atestam o porquê dele ser chamado de “o incomparável”. Destaque ainda para a Medersa Bem Youssef e seus traços mouras e para o Palais el-Bahia, onde o vizir Bou Ahmed vivia com suas quatro esposas e 24 concubinas. Os jardins da cidade são merecedores de uma visita. Os de La Ménara precisam de cuidados, mas a bacia de água cercada de oliveiras ainda impressiona. Já o azul vibrante do jardim de Majorelle e suas plantas tropicais constituem um verdadeiro oásis em meio a paisagem ocre. Azul que inspirou coleções do estilista Yves Saint-Laurent, hoje enterrado lá.



Encantadores de serpente ocupam a Praça Djemaa el-Fna

A gastronomia do Marrocos é riquíssima. Quase tudo é servido em tajines, panela especial feita com barro cozido que resiste a temperaturas elevadas de cozedura e é dotada de uma tampa cônica, concebida de forma que todo o vapor condensado volte para o fundo da panela. Os pratos de tajine são cozinhados lentamente, o que deixa a carne tenra, soltando-se dos ossos, com vegetais aromáticos e molho. O famoso cuscuz marroquino também está lá, acompanhado de carne bovina ou ovina. Uma grata surpresa pincelada dos cardápios foi a pastilla na versão de massa folhada recheada com frango e amêndoas e coberta com pó de canela. Inesquecível. No excelente restaurante Bô & Zin, é possível provar de tudo e ainda degustar os surpreendentes vinhos locais em mesas ao ar livre entre bambuzais, espelhos d’água e tochas de fogo.



Pastilla combina carnes leves, amêndoas e canela



Cuscuz marroquino é servido no tradicional tajine

A essa altura, as malas já estão cheias. De souvenirs e de muitas experiências. Marrakesh é mesmo marcante, ainda exótica e protegida da ocidentalização, como a maior parte de suas senhoras, resguardadas pelas burcas. O mercado aquecido também a torna mais peculiar. Aquecido nas vendas e na temperatura em si, já que os termômetros da cidade ficam acima dos 35° C boa parte do ano. Ainda assim, não se pode resumir Marrocos à “cidade vermelha”. De lá mesmo é possível conhecer o litoral, passear de camelo pelo Sahara ou visitar outras cidades como Fez e Casablanca pelas ótimas estradas. Assim, pode-se ter uma ideia mais precisa e justa desse país interessantíssimo e que ficará sempre presente em quem o visita, com a certeza de que tinha que ser. Maktub, como dizem os marroquinos. Já estava escrito.



Traços mouras no Medersa Bem Youssef



A atleta brasileira que conquistou o mundo com o seu talento do outro lado do atlântico

ELA É A NÚMERO UM

Com dois títulos da Liga dos Campeões da Europa, a atleta de handebol Duda Amorim passa férias em Natal e conta a Revista Bzzz por que teve que deixar o Brasil

Por Octávio Santiago

Fotos: João Neto

APESAR DE O HANDEBOL ainda não estar entre os esportes mais populares do Brasil, uma das suas estrelas se torna cada vez mais conhecida pela torcida verde e amarela. Ela é Eduarda Idalina Amorim ou apenas Duda Amorim, catarinense de 27 anos que já é uma verdadeira colecionadora de títulos. Com a seleção, ela venceu o Campeonato Mundial em 2013, fazendo do país o único do continente americano a conquistar o título. No mesmo ano, Duda se tornou a primeira brasileira a abater a Liga dos Campeões da Europa, pelo Győr da Hungria, feito repetido em 2014.

A atleta tupiniquim considerada a número um do handebol vive na Europa há nove anos. Três deles na Macedônia e os outros seis na Hungria, onde ainda reside e defende a camisa verde do time que a consagrou. Duda diz ter cruzado o Atlântico pelo fato de a modali-

dade não ser tratada como profissional no Brasil. “O que recebemos é uma ajuda de custo”, revelou. O contrato húngaro segue até as Olimpíadas de 2016, para o qual se empenha com o objetivo de dar ao país a melhor colocação de sua história.

Tanta dedicação ao esporte, considerado um tanto agressivo, no entanto, não a distancia da vaidade. “Gosto de me arrumar e estar bem em quadra. Só relaxo mais nas férias”, contou Duda, durante conversa com a Revista Bzzz em um desses poucos momentos de descanso em Natal. A escolha pela capital potiguar como destino foi motivada pela amizade com a natalense Graziela Motta, de 17 anos, intercambista na Hungria em 2013. “Ela foi a primeira brasileira que me acolheu lá. Estou retribuindo a gentileza”, explicou a estudante. Gentileza muito bem recebida por Duda: “Natal é linda demais!”.

Revista Bzzz: Qual é a maior dificuldade de jogar na Europa?

Duda Amorim: O mais difícil para mim foi se acostumar com as diferenças culturais e conviver com várias meninas de todo o mundo, com cabeças muito diferentes.

E o idioma húngaro? Foi um problema?

Mais ou menos. Até dá para se virar, mas não é tão fácil, viu?

Por que deixou o Brasil?

Porque o handebol aqui não é profissional. Minhas amigas daqui ou pararam ou tiveram que se mudar para lá também. Minha irmã foi da seleção e eu sempre quis jogar profissionalmente, por isso agarrei a primeira oportunidade que surgiu.

Mesmo assim, fomos campeões em 2013. Você acreditava que o Brasil chegaria tão longe?

Nunca tinha pensado que seríamos o primeiro lugar. Nosso técnico foi fundamental nessa conquista, motivando o time. Hoje tenho muita sa-

tisfação ao ver a medalha.

Quem está no topo do handebol também tem o prestígio e o salário de quem está no auge em outros esportes?

No Brasil, não existe isso. O que recebemos é uma ajuda de custo. Na Europa, o contexto é outro, o esporte é mais valorizado. Não é igual ao futebol ou ao vôlei, mas dá para viver. Espero que o título mundial mude um pouco esse olhar.

Você já chegou a fazer ensaios fotográficos em razão da sua beleza. Como é possível administrar a vaidade em quadra, em pleno jogo de handebol?

O handebol é mais agressivo mesmo, mas tento manter a vaidade. Pelo menos ajeitar o cabelo e fazer uma maquiagem para o jogo. Gosto de me arrumar e estar bem em quadra. Só relaxo mais nas férias.

E que tal Natal como destino das suas?

Natal é linda demais. Fizemos muitas coisas legais. Passeamos de buggy com emoção, conhecemos Gostoso, Pipa, Barra do Cunhaú. Tudo muito bom!

Je ne sais quoi

Foi pelo mundo subterrâneo de Paris que nossa editora de moda observou uma passarela natural de homens elegantes e na vanguarda dos estilos que se sobrepõem às questões ultrapassadas de masculinidade

Por Larissa Soares

Fotos: www.thesartorialist.com





TALVEZ A EXPECTATIVA ALTA de ver as naturalmente belas parisienses caminhando pela Rive Gauche me deixou um pouco decepcionada em meio a tantos turistas se debatendo por uma boa foto em cada esquina de Paris. A verdade é que as parisienses descritas por Ines de La Fressange estão em extinção, talvez por isso mesmo ela tenha escrito o seu manual *A Parisienne*.

Não foi às margens do Sena que me deparei com o *je ne sais quoi* parisiense, mas sim na Paris subterrânea, ao som dos trilhos do metrô, que me deparei com a *mode des garçons*, no bom português, a moda dos rapazes. Lá estavam eles indo para o trabalho, faculdade ou balada, sempre impecáveis.

Casacos e paletós bem cortados, tons na mesma cartela de cores, sapatos que fugiam do óbvio e atenção especial com a barba e os cabelos. A impressão que me dava



é que eles tinham acabado de sair de um editorial, mas com um ar natural, beirando o blasé. Foi aí que entendi o significado da expressão *je ne sais quoi*, o “não sei o que” que só eles, os parisienses, têm.

É difícil explicar essa expressão, mas é esse “não sei o que” que

faz de Paris a capital da moda, é o pragmatismo, a naturalidade, o ar e, principalmente, o contexto que torna tudo tão... tão... *je ne sais quoi*. Desculpem-me leitores, mas Paris, apesar de tão explorada, ainda guarda prazeres e encantos que só ela pode explicar.



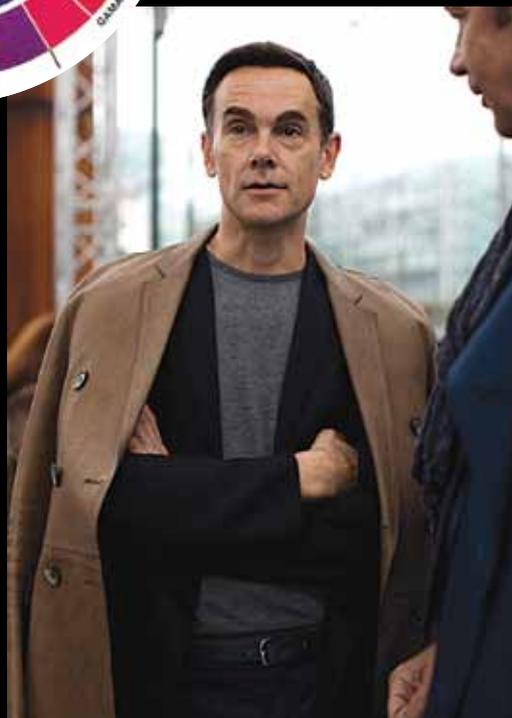
Cores e texturas harmônicas

Voltando ao estilo dos garçons, como eu falei, o contexto colabora bastante para a produção fashion, as sobreposições, os acessórios como cachecóis e lenços dão ao look uma carga extra de elegância. Mas o clima e o mood parisiense não são desculpas para andar por aí todo maltrapilho.

A moda masculina não tem mistérios, é tudo uma questão de atenção e coordenação de cores e forma, coisa simples de se aprender. O primeiro passo é descobrir um tipo de calça que cai bem em você. Se seu shape é longilíneo, lê-se magrinho, as calças de boca estreita são suas amigas. Já se você está fora do peso ou possui a parte superior do corpo muito mais larga do que o quadril, melhor optar por uma calça com a boca reta. Difícil de diferenciar na hora de comprar? Nada de pânico! A vendedora está ali para ajudar.



Cominação de cores opostas



Ton sur ton



Básico chique



Cachecol e cabelos alinhados



Total jeans

Quanto às camisas, vai do seu estilo e conforto. Se gosta delas mais justinhas ou soltas no corpo, lembre-se de levantar os braços na hora de provar. Levantou e não ficou nada de fora, agora é só pagar.

Rapazes, vocês podem usar qualquer cor, qualquer estampa, basta ter um pouco de atenção na hora de misturá-las. Para não errar, é só escolhê-las na mesma cartela ou cores opostas no círculo cromático que não tem erro.

Quanto aos acessórios, o lema é o free style. Vai de acordo com o estilo e o gosto de cada um. Clássico ou moderno, há opções para todos. Por fim, mas não menos importante, barba e cabelo! Ah, como eles podem mudar o visual! Chega de sentar no barbeiro e pedir “o de sempre”. Não custa nada dar uma olhadinha numa revista e ver um corte que o agrade. Juro que isso não vai diminuir em nada sua masculinidade. O mesmo vale para a barba, ok? Ela também é parte fundamental na composição do visual.



Sapatos estilosos



Combinação de listras



Paletó bem cortado e cores frias



Acessórios de estilo



OCTÁVIO SANTIAGO

Relax total

Cada vez mais popular entre os potiguares, a proposta do day use se multiplica no litoral ao sul de Natal. Com a alternativa, é possível pagar uma taxa, geralmente revertida em consumação, e desfrutar durante um dia inteiro de toda a estrutura de hotéis ou mesmo resorts. Nas praias da Pipa e da Barra do Cunhaú, três opções se destacam.

OÁSIS BALINÊS EM PIPA

Dono de uma grande área verde permeada por piscinas, o complexo **Sombra e Água Fresca** oferece a proposta com um diferencial: uma vista arrebatadora de 360° da praia mais famosa do RN. O local é todo decorado com peças made in Bali. O valor do day use é R\$ 100, sendo 70% revertido em consumação. (84) 3246-2258



RECANTO PRIVATIVO EM TIBAU

Já bastante freqüentado pelos natalenses, a **Ponta do Pirambu** se especializou na proposta do day use. Além de uma ampla piscina com borda infinita, o local ainda conta

com uma praia semi-privativa. A alta procura tem exigido reserva antecipada. Os R\$ 80 cobrados podem ser revertidos em consumação ou massagens. (84) 3246-4333

CUNHAÚ EM ALTO ESTILO

A paradisíaca Barra do Cunhaú possui um dos cenários mais bonitos do estado. Entre manguezais e coqueirais, o **Blue Dream Resort** está localizado numa posição privilegiada, à beira mar. Por apenas R\$ 35 revertidos em consumação, é possível apreciar o encontro do rio que dá nome à praia com o Atlântico da piscina de forma despreocupada. (84) 3241-4298



Sem seguir a cartilha

Distribuídos para os turistas durante a Copa do Mundo, os miniguias "Roteiro da Felicidade" da Kibon pontuavam as principais atrações das cidades sedes do mundial. Na cartilha sobre Natal, porém, alguns deslizes: o Aeroporto Internacional Augusto Severo continuava em pleno funcionamento e a subida ao topo do Morro do Careca estava liberada para os visitantes.



Let it snow

Está aberta a temporada de neve na América do Sul. Na Harabello Turismo, o pacote de sete noites para curtir o inverno em **Bariloche**, na Argentina, durante o mês de agosto, pode ser parcelado em até 12 vezes. Já na Michelle Tour, o destino para esquiar é o Chile, com três opções de pacotes e saídas até o mês de setembro. Os valores variam de acordo com a experiência nas pranchas e patins.



A MELHOR REFERÊNCIA *quando você mais precisa.*

Saúde em todos os aspectos. Assim é o hospital com a melhor estrutura hospitalar do Norte-Nordeste, 27 especialidades médicas e o único da rede privada do RN com equipamento de ressonância magnética. Além de tudo isso, você conta com o Check-up Executivo, que realiza uma bateria de exames em apenas um expediente e faz uma avaliação geral da sua saúde. Se um dia precisar, fique tranquilo: o Hospital do Coração é referência.

- Equipe médica completa
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

(84) 4009-2000

hospitaldocoracao.com.br

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.





Wellington Fernandes
Arquiteto

JARDINS NAS ALTURAS

Cada vez mais difundida no mundo, a parede verde conquista espaços no Brasil e em Natal. Tendência que cresce junto ao ramo da construção civil, a modalidade começou com o botânico francês Patrick Blanc, que se especializou em plantas de florestas tropicais e é responsável pela inovação e a popularização do jardim vertical

NO MUNDO MODERNO, EM que construções históricas de um tempo romântico vão dando vez aos espigões, sobram poucos espaços para áreas verdes. A solução que vem conquistando adeptos são os jardins verticais, uma forma de inserir o verde nos centros urbanos sem que seja preciso expandir o território das cidades.

Mas, pensando bem, não é de hoje que pensamos em jardins verticais. Num tempo não muito distante, quando tínhamos espaços sobrando, área verde abundante, essas ideias não pareciam tão necessárias, no entanto, o charme falava mais alto e era comum ver muros de casas cobertos xaxins, plantas trepadeiras, que proporcionavam um efeito bem interessante. Hoje ainda existem muros com o charme de outrora.

Bom, com a falta de espaços verdes horizontais, as plantas também passaram para o plano vertical (os jardins verticais), que vieram para ficar, a contar que não são apenas um modismo, mas sim uma necessidade urbana. Uma parede verde, além da beleza natural e do bem estar, proporciona confortos térmico e acústico. O trabalho pode ser desenvolvido tanto em áreas externas como internas. As varandas de apartamentos têm recebido esse elemento decorativo e um ponto fundamental na composição é a iluminação artificial, à noite o jardim se transforma.

O mercado hoje já conta com empresas especializadas no assunto, como a EcoGreen Ideias Sustentáveis, com sede no Recife, capital pernambucana, da empresária Catarina Durães, que trabalha com o sistema o Green Wall Ceramic, em que muros verdes são desenvolvidos e construídos com elementos cerâmicos com cavidades para que o paisagista desenvolva seu trabalho com conhecimento técnico das plantas e criatividade na composição das plantas, para facilitar a aguação, com irrigação também por controle remoto.

Em Natal, vários arquitetos aderiram ao verde nas alturas, como o projeto da arquiteta Gracita Lopes para o primeiro restaurante Camarões, na Av. Roberto Freire, que foi amplamente reformado, e o projeto da arquiteta Rita Macedo para o restaurante Camarões Potiguar, também em Ponta Negra, com o paisagismo da arquiteta Mylena Dantas. Belíssimos trabalhos.



Jardim vertical contrasta com a selva de pedra, em Natal

A FESTA

Fotos: Paulo Lima

Com show da amiga famosa Elba Ramalho, Gitana Lira celebrou seus 7.0 entre chiquimas e cheirosas na sua bela casa do Lago Sul, em Brasília. Ocasão para 230 convidados, regada a Veuve Clicquot e delicias do buffet Sweet Cake, como Bisque de gruyère, Risoto de camarão, Agneloni de limão siciliano com pomodoros, Ragú de cordeiro, arrematados pelos sabores da sobremesa: Cesta de morango trufada de frutas vermelhas, Mousse de capuccino e doces de Maria Amélia.



A cantora Elba Ramalho entre Isabela, Gitana Lira e o marido Raimundo Lima



Ludmila de Carvalho, Terezinha Galvão, Joyce Cardoso e Caroline Collor



Maria Luíza Mathias e Anita Catalão Maia



Doborah Rocha e Maria da Graça Miziara



Beatriz Araújo, Karina Cury Rosso e Janete Vaz



Marly Nogueira, Nice Lobão e Maria Helena Gomide



Marisa Junqueira e Lúcia Itapary



Filhos da anfitriã, Eduardo e Rodolfo Lira recebem o natalense Raphael Correia



Suely Nakao, Gláucia Benevides e Márcio Zardo



Carol e Iza Matias com Candice Jobim

O NATALCARD É COMO O TORCEDOR NATALENSE

APAIXONADO PELA SELEÇÃO,
ESTÁ EM TODO CANTO
DA CIDADE.



REDE DE VENDAS:

Mais de 100 estabelecimentos comerciais, espalhados pelas quatro regiões de Natal, com recarga Estudante e Passe Fácil.

BRASIL
FUNDO
AO HEIHA

RECARGA ON-LINE DE VALE-TRANSPORTE:

Com mais comodidade e segurança, as empresas podem realizar a compra de Vale-Transporte para os seus funcionários, pelo site www.natalcard.com.br.

5 POSTOS DE VENDAS FIXOS:

Ribeira(sede), Largo do Teatro Alberto Maranhão, UFRN, Fundação Augusto Severo e Terminal do Soledade.

Vai de ônibus?

Tenha sempre em mãos o seu NatalCard Vale-Transporte, Estudante, Profissional ou Passe Fácil.

RECARGA MOBILE:

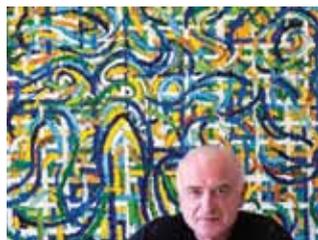
Consultores externos nas principais paradas de ônibus, realizando a recarga de passagens eletrônicas via celular.



CARLOS DE SOUZA

Livro

O livro *Ter e Não Ter*, 280 páginas, R\$40,00 é o sétimo título de Ernest Hemingway relançado com novo projeto gráfico da Editora Bertrand Brasil. Este é seu único romance quase todo ambientado em cenário americano e uma das poucas obras a indicar alguma preocupação com assuntos políticos. Escrito em 1944, o livro tem um ambiente típico do autor: à exceção da primeira parte, que se passa em Havana, as demais têm como pano de fundo regiões tantas vezes por ele percorridas em seu barco de pesca, o Pilar. Mestre do diálogo, do realismo contundente, da prosa direta, sem gordura desnecessária, o grande escritor americano põe o leitor em contato com aventureiros de muito (ou nenhum) caráter, revolucionários e sonhadores, assassinos, prostitutas, milionários alienados, pessoas humildes esmagadas pelas engrenagens do poder.



Pintura

Foi aberta no último dia 25, em Natal, a exposição do artista italiano Fabio Massimo Caruso, na Pinacoteca Potiguar. A exposição conta com obras de arte realizadas de uma forma muito especial: pintadas durante sua estadia em Natal, onde chegou no início do mês, na Copa do Mundo 2014. Elas retratam o ambiente pela cidade tomada pelas emoções do torneio mundial. A iniciativa faz parte do projeto "Itália na Copa", promovido pela Embaixada da Itália no Brasil.

Música

O grupo Arte na Serra fez a festa durante a Copa, na calçada da Calígula Pizzaria, na praia da Pipa. Com coreografias assinadas por Cláudio Cavalcanti e figurino de Carlos Sérgio Borges, os jovens mostraram as danças tradicionais Pastoril, Boi Calemba e Coco de Roda, levando a cultura popular para os turistas que circularam em Tibau do Sul. Após o show a cantora Camila Masiso dividiu o palco com Diogo Guanabara, mesclando MPB com jazz em seu repertório.



Literatura

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANL), dentro do projeto Academia para Jovens, está com inscrições abertas para o Prêmio Literário "Câmara Cascudo e a Identidade Nacional", destinado a estudantes do ensino médio e fundamental, público ou particular, estabelecidos no Rio Grande do Norte. O concurso vai selecionar texto inédito de candidato que se destaque com o trabalho de maior qualidade literária, nas condições fixadas no regulamento. Os textos deverão ser originais, criativos e individuais. O vencedor receberá R\$ 5 mil, desdobrado em R\$ 3 mil para o estudante responsável e R\$ 2 mil para o professor/orientador. As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até o dia 15 de setembro de 2014. O resultado será divulgado na primeira quinzena de outubro. Interessados deverão entregar o ensaio pessoalmente na Rua Mipibu, 443, Petrópolis, CEP. 59.020-250, Natal (RN). Informações detalhadas do regulamento na própria ANL ou pelos telefones: (84) 3221-1143.





Dança

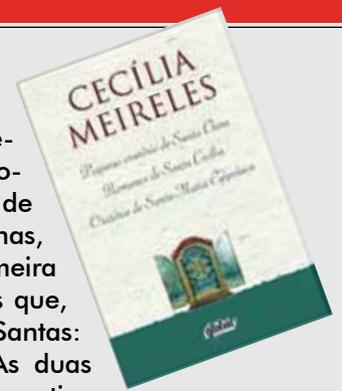
O espetáculo *Brasileirando*, que estreou na turnê da Companhia de Dança do TAM à França, foi apresentado no último dia 25, no Teatro Alberto Maranhão. A companhia também encenou o espetáculo *Gonzagando*, em homenagem ao Rei do Baião. A diretora artística Wanie Rose, explica que o espetáculo *Brasileirando* retrata toda a diversidade de ritmos e danças brasileiras como o côco de roda, capoeira, frevo, boi e galantes, forró e samba. Ela assina as coreografias com os bailarinos Juarez Moniz e Gustavo Santos. Cenários e figurinos, para os dois espetáculos, são de Carlos Sérgio Borges, e iluminação, Ronaldo Costa. O elenco é formado por Bruno Borges, Gabriela Gorges, Gustavo Santos, Juarez Moniz, Júlia Vasques, Marcia Suene, Margoth Lima, Paulo Victor, Renato Rocha, Tatyelli Raulino e Thaise Galvão. A Companhia de Dança do Teatro Alberto Maranhão foi criada em 1998, recebeu 80 prêmios ao participar de festivais de dança nacionais e internacionais.

Futebol

Para você continuar no clima da Copa e confirmar que futebol é arte, confira este *The Yellow Book*, da Toriba Editora, 190 páginas, R\$160,00, sobre a Seleção Brasileira de Futebol. Esta é uma obra definitiva, exclusiva, com imagens deslumbrantes dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos. São textos e fotos inéditas de partidas e momentos memoráveis do futebol brasileiro. Uma grande equipe de pesquisadores, jornalistas, redatores, editores, diretores de arte e designers trabalhou incansavelmente durante quase cinco anos neste projeto, que foi lançado especialmente para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. *The Yellow Book* já é objeto de desejo de todos os torcedores brasileiros.

Poesia

A Global Editora acaba de lançar *Pequeno Oratório de Santa Clara, Romance de Santa Cecília e Oratório de Santa Maria Egípcíaca*, 120 páginas, R\$25,00. Esta obra reúne pela primeira vez os três livros de Cecília Meireles que, em conjunto, formam a Trilogia das Santas: Clara, Cecília e Maria Egípcíaca. As duas primeiras obras foram publicadas, respectivamente, em 1955 e 1957, em edições artesanais, e a terceira, em edição póstuma, em 1996. Nesta obra os versos constituem momentos de singular importância na obra poética de Cecília Meireles, sobretudo no que diz respeito a aspectos de sua ainda pouco estudada espiritualidade.

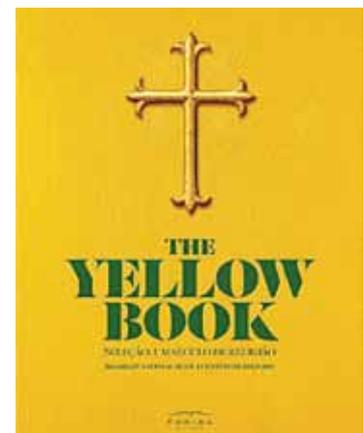


Cultura

O grupo tradicionalista *Beira D'estrada*, mostrou a cultura gaúcha durante a Copa, o Projeto Cultural Fandango Tradicional Gaúcho, no Teatro de Cultura Popular. A ideia do projeto foi



mostrar as tradições gaúchas ao público local e aos turistas que visitaram a cidade, aproveitando a Copa do Mundo para mostrar que o povo brasileiro é multicultural. O show contou com músicas tradicionalistas, danças e vestimentas típicas, além de breves intervenções mostrando curiosidades e "causos" gaúchos, criando uma bela interação com o público. O Grupo *Beira D'estrada* participa de festivais e anima bailes pelo Rio Grande do Sul, além de levar no currículo a participação no evento "Intercâmbio Fandanguero", em 2010, quando realizou apresentações nas cidades de Newark, New York e Chester, nos Estados Unidos.



MAIS QUERIDO

Fotos: João Neto

A retomada das atividades sociais do ABC Futebol Clube aconteceu em grande estilo, no Olimpo Recepções, com o Baile Preto&Branco, que reuniu de diretores do alvinegro e torcedores a candidatos ao governo do RN, como Henrique Alves e Robinson Faria



**Henrique Alves,
Sílvio Bezerra e Garibaldi Filho**



**Rogério Marinho e
o pai Valério**



**Luciana Santa Rosa e
Renato Gomes Neto**



**Poder ABC: Judas Tadeu, Rubens Guilherme,
Leonardo Arruda, Wilson Cardoso**



**Antônio, Marluce e
Glauber Gentil**



Rossana e Ricardo Fonseca



**Deputada Fátima Bezerra com
João Hélio e Adriano Gadelha**



**Arturo Arruda e
Larissa Galvão**



**Júlia Arruda e
Renato Quarema**



Robinson e Juliane Faria

2014
UM ANO VERDE
E AMARELO



[84] 3272-2751 | unigraficanatal.com.br

RUA CÂMARA CASCUDO, 920, PARNAMIRIM/RN

 UNIGRAFICANATAL  UNIGRAFICANATAL



TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

FOREVER YOUNG

As festas de aniversário do badalado colunista Jota Oliveira, que ele intitula de “Fovever Young”, são um acontecimento em Natal, no mês de setembro, com parte da renda revertida para o tratamento da Aids no Hospital Giselda Trigueiro. Noite para ver e ser visto. Mulheres capricham nos looks e joias. A cada ano o lugar é diferente, sempre inusitado, alguns até abandonados, que são transformados em glamorosos pelo arquiteto-top Renato Teles, comidinhas saborosas Nick Buffett e Renata Motta. As atrações já foram de Edson Cordeiro e Latino. As expectativas são para as surpresas deste ano.



Hilneth Correia, Anísio Barreto,
Núbia Albuquerque, Jota Oliveira e Marília Sá



Monalisa e Túlio Flor com
Rosane e Lauro Herculano



Silvana e José Bezerra Jr.



Tânia Salustino



Uiane e Artêmio Azevedo com
Augusto Azevedo e Isabelle



Jota Oliveira com Andrea e o prefeito Carlos Eduardo Alves



Thiago Barros, Paulo de Paula e Sérgio Oliveira



Cristine Rosado, Luciana Patriota e Themis Freitas



Flávio Rocha e Anna Cláudia com o afitrião, Eliana Lima e Paulo Gallindo



Saudoso João Maria Monte e Gina



Israel Nunes e Luanda



Michelle Magalhães entrevista Denise Gaspar e Ana Carmelita Gaspar



Gênio da anarquia

Heróis anarquistas são espelho do povo. Eles erram, eles subvertem lógicas, eles escolhem a contramão da vida. Eles estão nus da armadura pretensiosa dos infalíveis. São humanos e enternecem. Enquanto escrevo, faltam duas horas para que feche o primeiro mês sem Marinho Chagas, Cantinflas metade Quixote da lateral-esquerda do mundo.

Tanto quanto no dia primeiro de junho, ainda percorro a geografia dos últimos anos de Marinho Chagas, uma morte que cansa de tão incoerente. De tão ligeira no esquecimento como se a cidade gritasse pela boca dos seus ventos padraustos: “Acabou, foi embora ou já foi tarde”. A maior referência do esporte potiguar desde que chutaram a primeira bola antes da Invasão Holandesa. Marinho teria vencido, em dois dribles, toda a tropa invasora.

Das frases campeãs olímpicas de hipocrisia, uma em especial faz renascer em minha impaciência saudosa a vontade de guerrear como infante dos sopés de morro no Bairro do Tirol: “Marinho só fazia mal a ele mesmo”. É de um comodismo cínico e gêmeo do comportamento padronizado em figuras que a ele viravam o rosto ou negavam (por pobreza placentária), um gesto de solidariedade e choraram lágrimas de Moura Brasil em seu funeral.

Faça em vida se puder por mim. Depois de morto, nem velório desejo para não acordar assombrando quem vai contar piada ou fofocar sobre falências e traições. A desgraça (alheia) alimenta e fermenta o vinho pantanoso da mente desumana. Por considerá-lo incompatível com caixões, não fui ver Marinho inerte. Era a sua antítese, o imobilismo.

Marinho Chagas, Menino Grande, dormiu,

descansou e livrou-se dos corvos que atribuíam sua doença à maldade, à esbórnia ou à malandragem voltada ao desvio de caráter. Marinho Chagas, quando era titular da seleção brasileira, três anos depois da Copa de 1974, lançou um LP.

Vocalista de repertório refinado com a bola no pé, crescendo palmas como um Lancelot de Maracanã, desafinou na melodia e acertou no título do disco, resumo do homem e epitáfio apropriado: “Eu Sou Assim”

Marinho Chagas era assim, daquele jeito rebelde, desconcertante e genial. Com reconhecimento internacional e desdém conterrâneo. A Bruxa, quando voou para sempre, recebeu elogios de Zico, Romário, Júnior - seu sucessor -, do francês Platini, do alemão Beckenbauer, seu companheiro no milionário do Cosmos, em Nova York, frisson dos anos 1970.

Jogar no Cosmos representava o Oscar de Prestígio Internacional para 11 entre 10 boleiros do mundo. Depois de Pelé e empatado com o tricampeão Carlos Alberto Torres, Marinho de Natal, das pe-

ladas nos campinhos do Alecrim e do teatrinho de Arena do Estádio Juvenal Lamartine, foi o brasileiro mais importante da constelação da minha infância em remake emocional.

Lá vai Marinho das Chagas abertas, bailando liberto, gargalhando, tomando cerveja e mandando os pusilânimes à linha de fundo da pequenez. Marinho Chagas, estranho em seu ninho, passeia elegante e sensual, no jardim superior do futebol, rumo ao gol no campeonato do infinito. Lá, só entram os gênios, artesãos da beleza arrancada dos desamparados em nostalgia.

“

Por considerá-lo incompatível com caixões, não fui ver Marinho inerte. Era a sua antítese, o imobilismo

A NOSSA TV CÂMARA EM SINTONIA COM VOCÊ.

O legislativo municipal está na tela da sua tv com informação, cidadania e cultura para todos os natalenses. Com uma programação voltada ao interesse da sociedade, a TV Câmara é um instrumento de transparência dos atos do poder legislativo.

ENTRE NESSA SINTONIA. ASSISTA NOSSA PROGRAMAÇÃO.

- | | |
|---|---|
|  SESSÕES ORDINÁRIAS |  TV FISCO EM PAUTA |
|  SESSÕES SOLENES |  TV RURAL |
|  AUDIÊNCIAS PÚBLICAS |  QUINTA JURÍDICA |
|  CÂMARA REPÓRTER |  JUSTIÇA E VOCÊ |
|  COM A PALAVRA VEREADOR |  AGORA É LEI |
|  CÂMARA VERDE |  DICAS DA TV CÂMARA |
|  CÂMARA ESPORTIVA |  FAÇA O BEM |
|  CÔMITE DE IMPRENSA |  MEU BAIRRO |
|  DIRETO AO PONTO |  MOMENTO CULTURAL |
|  TELA DE JUSTIÇA |  PERFIL PARLAMENTAR |
|  PENSANDO BEM |  PONTOS HISTÓRICOS |
|  EDUCAÇÃO EM PAUTA |  VOCÊ SABIA |



WWW.CMNAT.RN.GOV.BR





**SÃO GONÇALO DO
AMARANTE.**

**BEM-VINDO
À NOVA PORTA DE
ENTRADA DO RN.**



O Aeroporto Internacional Governador Aluizio Alves, aqui em São Gonçalo do Amarante, é a nova porta de entrada do Rio Grande do Norte.

Um sonho concretizado que vai gerar mais desenvolvimento, mais empregos e mais qualidade de vida para todos nós.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Mais Trabalho, Mais Desenvolvimento.

www.saogoncalo.rn.gov.br